

vida pastoral

setembro-outubro de 2025 – ano 66 – número 365



MÊS DA BÍBLIA 2025

Carta aos Romanos

“A esperança não decepciona” (Rm 5,5)

Entenda a mensagem de Paulo: descubra como o apóstolo anunciou uma verdade revolucionária e como a sua missão ecoa até hoje.



TEMA OFICIAL DO MÊS DA BÍBLIA 2025



Na Carta aos Romanos, Paulo desenvolve sua mais profunda reflexão sobre a salvação, afirmando que a graça divina é acessível a todos. Não são as obras da lei que salvam, mas a fé em Cristo!



**COMPRE
AGORA!**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

Em um mundo marcado por guerras, criadas por líderes insanos, insensíveis e cruéis; em um mundo de paradoxos, em que a inteligência artificial avança, ao mesmo tempo que a ignorância humana insiste em negacionismos dos mais estúpidos; em um mundo de incertezas e imprevisibilidade; em um mundo de descobertas científicas incríveis, de invenção de pílulas para quase tudo, mas em que também há mortes prematuras e idosos abandonados, gente morrendo de fome; em um mundo de crises e desilusões, a esperança muitas vezes parece ofuscada e frágil como um fio prestes a se romper, deixando o futuro em interrogações.

Se, neste mundo, até o presente é roubado de multidões desamparadas, que vivem em verdadeiro “vale de lágrimas”, assim como rezamos na salve-rainha, como ter sonhos? Como será possível vislumbrar o futuro em uma espécie de pesadelo eterno para grande parcela da humanidade?

A esperança se equilibra em corda bamba.

No entanto, o apóstolo São Paulo nos apresenta uma perspectiva radicalmente diferente: “A esperança não decepciona” (Rm 5,5). Essa afirmação do apóstolo não é otimismo vazio, mas certeza alicerçada na fé.

Na carta aos Romanos, Paulo explora a profundidade da graça divina. No capítulo 5, especificamente, ele descreve os frutos da justificação pela fé: paz com Deus, acesso à sua graça e, sobretudo, “esperança na glória que ele promete” (Rm 5,1-2). Mesmo diante das tribulações, o apóstolo explica que os desafios produzem perseverança, caráter aprovado e, finalmente, esperança (Rm 5,3-4). Essa esperança, porém, não é mera força de vontade humana. Ela brota de uma fonte divina. Por isso, é a Esperança que não decepciona, “porque o amor de Deus foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi dado” (Rm 5,5).

A esperança cristã está enraizada no amor incondicional de Deus, demonstrado na cruz de Cristo. Enquanto a esperança mundana

depende de circunstâncias, a esperança em Deus apoia-se em sua fidelidade. Ele já provou seu amor por nós em Jesus Cristo, mesmo quando éramos pecadores (Rm 5,8). Assim, a esperança que ele oferece não é uma aposta, mas se ancora na realidade do seu caráter.

Para a comunidade cristã, toda a ação de Deus vem em direção ao espaço e tempo humanos em Jesus Cristo, o único verdadeiro *eschatos*. Porque Jesus se encarnou na história humana, o ser humano pode encontrar a verdade sobre si mesmo. Em Cristo a teologia encontra a fonte de sua reflexão, o conteúdo e a forma de seu discurso sobre o último. Último que, ao mesmo tempo, é o primeiro; o ômega que é alfa. Ele é o futuro que advém continuamente ao presente concreto e estreito do ser humano e do universo.

De acordo com o apóstolo Paulo, quem mantém a esperança viva é o Espírito Santo. É ele o vínculo perfeito do amor de Deus. Em momentos de fraqueza ou dúvida, o Espírito testemunha em nosso interior que somos amados e guardados por Deus (Rm 8,16). Essa segurança interior transforma nossa maneira de enfrentar as crises: mesmo quando não entendemos os caminhos de Deus, confiamos que seu amor jamais falha. O apóstolo, porém, não ignora a realidade do sofrimento. Pelo contrário, ele o inclui no processo de amadurecimento da esperança. As tribulações não são obstáculos ao plano de Deus, mas ferramentas que nos levam a nos lançar inteiramente, confiantes, em suas mãos. A esperança que não decepciona não nega a dor, mas transcende-a, apontando para um futuro garantido pela ressurreição de Cristo, no já e ainda não.

Que o Senhor nos inspire a viver com coragem, sabendo que nosso presente e futuro estão seguros nas mãos dele, que venceu a morte e nos chama para uma vida plena.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para ministros ordenados
e agentes de pastoral

Ano 66 - Nº 365
setembro-outubro de 2025



PAULUS

© PAULUS – 2025
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Andrea Cristina Florez Marin

Revisão

André Odashima
Alexandre Santana
Tatianne Francisquetti

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

SUMÁRIO

JESUS CRISTO, O EVANGELHO DA FORÇA DE DEUS: ENTENDENDO A CARTA AOS ROMANOS

Shigeyuki Nakanose, svd

Maria Antônia Marques 4

A ESPERANÇA NÃO DECEPCIONA (Rm 5,1-21)

Ir. Dra. Zuleica Aparecida Silvano 12

“A CRIAÇÃO ABRIGA A ESPERANÇA”: ROMANOS 8,18-27

Ir. Dra. Lucia Weiler, dp 24

O “CULTO RACIONAL” E A ÉTICA DO DISCERNIMENTO: UMA LEITURA DE Rm 12,1-2

Pe. Me. Paulo Bazaglia, ssp 34

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Maicon Malacarne 44

FAÇA SUA ASSINATURA!



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

Para mais informações, entre em contato:

paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

📞 (11) 3789-4000

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136 – Ed. Arcângelo Maletta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01 – Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029
(54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599 – Centro
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523 – Centro
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 – Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Rua Camboa do Carmo, 83
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
(86) 3142-1295 / 99935-0001
teresina@paulus.com.br

UBERLÂNDIA – MG

Av. Cesário Alvim, 757 – Loja 1 – Centro
(34) 2512-4358
uberlandia@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



*Shigeyuki Nakanose, svd, é assessor do Centro Bíblico Verbo e professor no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp). *E-mail:* contato@cbiblicoverbo.com.br

**Maria Antônia Marques é assessora do Centro Bíblico Verbo e professora no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp). *E-mail:* ma.antoniabv@yahoo.com.br

JESUS CRISTO, O EVANGELHO DA FORÇA DE DEUS

Entendendo a carta aos Romanos

No mundo injusto e desigual do Império Romano (os gemidos da criação: Rm 8,20-22), Paulo prega o Evangelho de Jesus Cristo como a força salvadora de Deus (Rm 1,16). De fato, a salvação de Deus se realiza pela fé ativa no amor e na justiça de Jesus, e não pelo poderio do império nem pelas obras da Lei do judaísmo legalista.



INTRODUÇÃO

Paulo pretende visitar Roma e obter apoio da comunidade cristã para chegar à Espanha, a fim de levar o Evangelho (Boa Notícia; Boa-nova) de Jesus Cristo a todos os gentios (Rm 1,1-17; 15,14-33; cf. Gl 1,16). Preparando sua estada em Roma, ele escreve a carta aos Romanos durante sua permanência de três meses em Corinto, pouco antes de sua partida para Jerusalém em 57/58 d.C., concluindo sua terceira viagem missionária (52-57 d.C.: cf. At 18,18-21,16). A carta tem os seguintes objetivos principais:

a) A comunidade de Roma não foi fundada por Paulo nem havia sido visitada por ele. Por isso existia a necessidade de ele estabelecer um laço com a comunidade, apresentando-se com suas credenciais: servo, apóstolo e escolhido (Rm 1,1). Paulo, servo missionário e profeta de Jesus Cristo, o Messias Servo (Fl 2,6-11; cf. Is 42,1-9). Ele deseja anunciar e explicar, no mundo do império, o Evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado (Rm 3,25; 4,25), que é força de salvação para todo aquele que crê na justiça e no amor de Deus (Rm 1,8-17; 15,17-21; cf. 1Cor 1,17-25). Trata-se de um Evangelho oposto ao evangelho do imperador romano, em função do poder e da riqueza (*pax romana*), e ao evangelho do judaísmo legalista, que prega a boa-nova da salvação pela observância fundamentalista da Lei (circuncisão, leis alimentares etc.).

b) Naquele momento de sua vida missionária, Paulo, ex-fariseu, é odiado pelo judaísmo legalista. Ele enfrenta a discordância e a desconfiança da comunidade-mãe de Jerusalém. Recentemente, na carta aos Gálatas, Paulo havia criticado fortemente o grupo judaizante, que procurava impor aos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo (cristãos)¹ o modo de viver dos judeus segundo a Lei, a cultura e os costumes judaicos. Isso provocou a reação do grupo judaizante (incluindo gentios tementes a Deus e prosélitos pró-judeus) de Roma (Rm 3,8), que ainda era marcado pelas “obras da Lei” para alcançar a amizade, a graça, a justiça e a salvação de Deus. Paulo deve esclarecer seu Evangelho (“o meu Evangelho”: Rm 2,16; 16,25) e sua prática teológico-pastoral, salientando a salvação de Deus pela fé em Jesus Cristo, com a prática do amor ao próximo (Rm 12,3-21).

c) Paulo visita muitas cidades sob a dominação do império e é testemunha ocular da vida sofrida do povo (Rm 1,18-2,16; 8,18-27). Ele pretende dialogar com a comunidade de Roma e orientar essa comunidade, que vive sob o poderio romano e seu espírito egoísta (pecado, carne), conforme a mentalidade greco-romana, a helenização (busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra),

¹ No período de Paulo e dos Evangelhos sinóticos, ainda não havia o cristianismo como conhecemos hoje. Havia, sim, um movimento dos seguidores e das seguidoras de Jesus Cristo dentro do judaísmo.

que provoca conflito interno (a disputa por cargos etc.: Rm 12,3-13) e gera a exclusão, o sofrimento de muitos e a destruição da natureza, provocada pelas guerras e pelo progresso da civilização romana. No império, Nero, imperador tirano, governou, entre 54 e 68 d.C., de forma cruel e exploradora, provocando a turbulência e a decadência daquele período da história de Roma, as quais transparecem nos gemidos da criação e dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo (Rm 8,22-23).

Para alcançar seus objetivos e ser bem recebido na comunidade de Roma, Paulo escreve a carta de modo sereno, sistemático e explicativo, contrastando com o tom polêmico usado na carta aos Gálatas (Gl 3,1-5). A carta aos Romanos é levada à cidade de Roma, possivelmente pela diaconisa Febe (Rm 16,1-2), uma das muitas mulheres colaboradoras de Paulo (Rm 16,3-15). Pessoalmente, Paulo só chegará lá mais tarde como prisioneiro, em 61 d.C. (At 28,11-16).

1. CONHECENDO A COMUNIDADE CRISTÃ DE ROMA

No século I, a população de Roma, capital imperial, é calculada em um milhão de habitantes, em sua maioria escravos, que vivem subjugados e explorados pelo poderio do império. A vida deles normalmente é muito breve – não vai muito além dos 20 anos – e há grande incidência de suicídio. É uma sociedade escravagista, marcada pelo espírito da helenização e justificada pelo evangelho (religião) do imperador. A carta aos Romanos registra a presença de várias pessoas de origem não livre, ainda escravizadas ou libertas, nas diversas comunidades localizadas na periferia da capital (Rm 16,1-16).

A comunidade de Roma não é fruto de atividades missionárias de algum apóstolo importante, como Pedro, por exemplo. Ela surgiu com a chegada de judeu-cristãos vindos da Palestina e da Síria, na década de

40 d.C. A presença dos cristãos, que pregavam Jesus como o Messias esperado, tinha dado lugar a severas discussões e a tumultos nas comunidades judaicas, cujos membros – cerca de vinte mil – se encontravam espalhados em mais de dez sinagogas na cidade de Roma. Diante desses conflitos, o imperador Cláudio decretou o edito contra sinagogas e indivíduos responsáveis pelos distúrbios (de um lado, judeus; de outro, judeu-cristãos), que chegaram a ser expulsos de Roma, nos anos 40 d.C. O casal judeu-cristão Priscila e Áquila, vítima dessa expulsão, deve ter informado Paulo sobre a situação da comunidade cristã de Roma e a situação da cidade (At 18,1-4; cf. Rm 16,3-5).

A proibição da autoridade romana de reunir-se nas sinagogas levou os judeu-cristãos e os gentio-cristãos (chamados de “gregos”: Rm 1,16; 2,9-10; 3,9; 10,12) a intensificar as reuniões nas casas de seus membros – a igreja doméstica (Rm 16,4-5.10-11). Mais tarde, quando o edito de restrições contra os judeus foi revogado sob Nero, os judeu-cristãos retornaram a Roma e encontraram nas comunidades a presença predominante de cristãos não judeus, que se julgavam livres da observância de práticas judaicas (as leis de pureza alimentar etc.). Disso resulta que a convivência do grupo conservador (“fracos”), composto de judeu-cristãos e de não judeus tementes a Deus que eram pró-judeus, com o grupo progressista judeu-cristão, como Paulo, e gentio-cristão (“fortes”), que não impunha a circuncisão nem os tabus alimentares judaicos, provoca problemas e conflitos internos (Rm 14,1-15,13).

“ Paulo visita muitas cidades sob a dominação do império e é testemunha ocular da vida sofrida do povo. ”



“A carta aos Romanos registra a presença de várias pessoas de origem não livre, ainda escravizadas ou libertas, nas diversas comunidades localizadas na periferia da capital.”

Além do conflito interno, no tempo de Nero, a comunidade sofre ainda mais com a sociedade injusta e desigual, movida pelos instintos egoístas, que promovem a maldade, a perversidade e o culto aos ídolos do império (Rm 1,24-32), provocando o sofrimento e a morte de muitos, bem como a destruição da natureza, obra (glória) do Deus criador (Rm 8,18).

Diante dos problemas internos e externos da comunidade, Paulo escreve a carta aos Romanos para dialogar com a comunidade e orientá-la sobre a fé no caminho do justo segundo o Evangelho de Jesus Cristo: “De fato, no Evangelho a justiça de Deus se revela através da fé e para a fé, conforme está escrito: ‘O justo viverá pela fé’” (Rm 1,17).

2. CONHECENDO AS MENSAGENS TEOLÓGICO-PASTORAIS DA CARTA

A carta aos Romanos contém muito dos temas teológico-pastorais tratados nas constantes discussões com o judaísmo, com os judeu-cristãos e com os gentio-cristãos sobre os conflitos dentro e fora da comunidade, no mundo injusto e desigual do Império Romano. Eis aqui as principais mensagens expostas pela carta após a introdução geral

(Rm 1,1-17), na qual Paulo anuncia o tema central: “o Evangelho de Jesus Cristo é força de Deus e para a salvação” (Rm 1,16):

a) Todos estão sob a ira (julgamento) de Deus (Rm 1,18-3,20). Paulo começa com a descrição da realidade da condição dos gregos e dos judeus. A ira divina se manifesta contrária à impiedade contra Deus e à injustiça aos seres humanos, praticadas pelos gregos sob o império (Rm 1,18-32), e também é contra a atitude hipócrita dos judeus por não praticarem a Lei e imporem o jugo da Lei a todos das comunidades de seguidores e seguidoras de Jesus Cristo (Rm 2,1-29): “Tanto os judeus quanto os gregos, todos estão debaixo do pecado” (Rm 3,9).

b) A justiça divina (salvação) pela fé, como o exemplo de Abraão (Rm 3,21-4,25). Pela fé na “redenção realizada por Jesus Cristo”, a graça de Deus, o seu amor gratuito em ação na história (Rm 3,24-26), os judeus e os gregos podem integrar-se no projeto divino (separar-se do pecado: a autossuficiência e a injustiça), praticando a justiça e a piedade para com Deus, e passar da ira de Deus à sua justiça salvadora: “A justiça de Deus que vem por meio da fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que acreditam” (Rm 3,22).

c) A graça da justificação em Jesus Cristo (a justificação: tornar-se justo e salvo ou ter amizade e paz com Deus – Rm 5,1-7,25). A salvação de Deus se realiza pela fé na sua graça, manifestada em Jesus Cristo morto e ressuscitado (“novo Adão”), e não pelo poderio do império (o sistema opressivo: “tribulações”) nem pelas obras da Lei do judaísmo legalista (a justiça retributiva, baseada na observância de um código moral e ritual). Ou seja, a pessoa batizada (“servos da justiça”: Rm 6,18), em nome de Jesus Cristo, Servo sofredor (Rm 6,1-4; cf. 4,24-25; 5,12-21; Is 42,1-9; 52,13-53,12), justifica a vida pela fé ativa, traduzida em obras de amor fraterno com “armas de justiça” (Rm 6,13) de Jesus Cristo, condenando o sistema opressivo, livrando-se da escravidão da carne (“lei do pecado”: Rm 7,25), como “armas de injustiça” (Rm 6,5-23), e assegurando a paz com o Deus da vida: “Portanto, tendo sido justificados pela fé, estamos em paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5,1).

d) A vida no Espírito (Rm 8,1-39). O capítulo 8 é o ponto máximo da carta e se encontra bem no centro. Contrastando com a vida na carne (“lei do pecado e da morte”, instintos egoístas, o espírito da heleenização: Rm 8,2; cf. 7,14-25), a pessoa cristã deve viver no Espírito (a “lei do Espírito da vida”: o amor, o caminho da vida – Rm 8,1; cf. 5,5) de Jesus Cristo – que lutou pela vida, morreu pelo amor ao próximo e foi ressuscitado para a vida –, a fim de passar dos instintos egoístas para a gratuidade da salvação de Deus. Paulo, um apocalíptico, que pressente a vitória (amor, glória) de Deus sobre o mal (pecado, morte), descreve os gemidos de quem vive no Espírito, com a esperança pela libertação e pela vida como parto do mundo novo, cantando o amor salvador de Deus: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8,35).

e) O universalismo do plano salvífico diante da salvação restrita a Israel – o povo judeu (Rm 9,1-11,36). Não há distinção entre judeus e gregos (não judeus) na salvação gratuita (a graça)



“ Paulo escreve a carta aos Romanos para dialogar com a comunidade e orientá-la sobre a fé no caminho do justo segundo o Evangelho de Jesus Cristo.

”





“ *A pessoa que reconhece a vida (corpo) como graça de Deus, seu amor gratuito em ação, descobre a gratuidade para com os outros.* ”



de Deus por Jesus Cristo. A salvação não é questão de cultura e de Lei judaica, mas sim da fé no caminho (Evangelho: Rm 10,16; 11,28; Is 52,7) de Jesus Cristo morto e ressuscitado. O fato de os seguidores e as seguidoras de Jesus Cristo serem de etnia, gênero, classe e cultura diferentes não é fator de desunião e de conflito, mas de solidariedade e de enriquecimento mútuo: “Portanto, não há distinção entre judeu e grego, porque Jesus é Senhor de todos, e concede suas riquezas a todos os que o invocam” (Rm 10,12; cf. 1Cor 12,13; Gl 3,28).

f) O amor dentro e fora da comunidade (Rm 12,1-13,14). A pessoa que reconhece a vida (corpo) como graça de Deus, seu amor gratuito em ação, descobre a gratuidade para com os outros; forma a comunidade como um só corpo em Cristo; reparte os dons concedidos por Deus a serviço do bem comum; pratica o amor ao próximo, sobretudo para quem tem sede e fome; submete-se (dedica respeito) à autoridade que está a serviço do

amor de Deus e do bem comum: “O amor não faz nenhum mal ao próximo, pois o amor é o cumprimento total da Lei” (Rm 13,10).

g) A convivência e a fraternidade na comunidade (Rm 14,1-15,13). Os “fortes” e os “fracos” convivem no amor de Jesus Cristo, acolhendo as diferenças e construindo o Reino de Deus: “Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida (em torno da lei alimentar etc.), e sim justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Quem serve a Cristo nessas coisas, agrada a Deus e tem a estima das pessoas” (Rm 14,17-18); “Por isso, acolham-se uns aos outros, como Cristo acolheu vocês para a glória de Deus” (Rm 15,7).

UMA PALAVRA FINAL

Na leitura contextualizada da carta aos Romanos, percebe-se que ela, como todos os escritos de Paulo, não é bem um tratado de teologia dogmática, mas um texto pastoral para quem vive no Espírito de Jesus Cristo

e sofre com o mundo dominado pela tirania da “lei do pecado e da morte” (Rm 8,2). Nos gemidos de quem prega o Evangelho de Jesus Cristo crucificado e luta pelo projeto de Deus, Paulo exprime: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?” (Rm 8,35). Como quem vive o amor de Jesus Cristo (Rm 8,10-11), Paulo possui a certeza de que o amor, traduzido na sensibilidade, na solidariedade e na fraternidade, sustenta a vida nas horas de dificuldade, angústia, sofrimento e morte, e anima a caminhada rumo ao querer do Deus do amor.

Como no mundo de Paulo, muitos de nossos irmãos e irmãs continuam oprimidos e feridos pelas forças do mal. O império de hoje continua devorando o corpo dos pequenos, explorados até mesmo em nome da religião e da fé. Observa-se também o movimento das pessoas que não compactuam com a injustiça, a exploração e a violência, que levantam e caminham rumo à realização do projeto de Deus, movidas pela fé, pelo amor e pela esperança. Que aumente em nós, sempre mais, o amor de Jesus Cristo crucificado, para que vivamos na esperança da realização definitiva do Reino de Deus, já antecipado no mundo da justiça, da fraternidade e da paz. **vp**



CENTRO BÍBLICO VERBO

Há mais de 30 anos, o Centro Bíblico Verbo está a serviço da pastoral bíblica, caminhando com o povo de Deus por meio de uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular das Sagradas Escrituras.

Formação bíblica presencial e *on-line*

Oferecemos cursos intensivos e extensivos em diversas modalidades:

- ♦ Introdução ao Primeiro e ao Segundo Testamento;
- ♦ Aprofundamento bíblico;
- ♦ Espiritualidade bíblica;
- ♦ Estudo temático para o Mês da Bíblia;
- ♦ Hebraico e grego.

Assessoria às Igrejas e instituições

Nossa equipe presta serviços de assessoria bíblica a dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, tanto no Brasil quanto no exterior.

Produção de subsídios

Desenvolvemos materiais para o Mês da Bíblia:

- ♦ Livro temático;
- ♦ Plataforma “Bíblia Gente” (*site*);
- ♦ Vídeos no YouTube;
- ♦ Artigos no *blog* e no *site* oficial.

Fale conosco:

(11) 5187-1008

contato@cbiblicoverbo.com.br

www.cbiblicoverbo.com.br



*Zuleica Aparecida Silvano é irmã paulina, doutora em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), mestra em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico e assessora do Serviço de Animação Bíblica (SAB/Paulinas).
E-mail: zuleica.silvano@paulinas.com.br

A ESPERANÇA NÃO DECEPCIONA (RM 5,1-21)

Rm 5,1-21 é um texto fundamental para revisitar o tema da esperança, a revelação da justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, e as consequências da justificação para a vida do fiel. Outro elemento retratado em Rm 5 é a grandeza da iniciativa de Deus em conceder a superabundância da graça por meio de seu Filho, o novo Adão, possibilitando a vida eterna a todo aquele/a que crê. Neste ano jubilar, é um texto importante, dado que dele foram extraídos os lemas da Bula do saudoso papa Francisco e do Mês da Bíblia 2025. Oxalá sua análise sirva para refletir sobre os 2.025 anos da encarnação de Jesus Cristo, o novo Adão, que traz para a humanidade a vida eterna.

INTRODUÇÃO

O texto de Romanos 5,1-21 é tema de dois grandes eventos. Dele foram extraídos os lemas da Bula do saudoso papa Francisco sobre o Jubileu da Encarnação de Jesus Cristo (2.025 anos), na perspectiva da esperança (Rm 5,5), e do Mês da Bíblia 2025, que tem como tema central a carta aos Romanos. Esse texto está inserido na segunda parte da carta. A primeira trata da revelação da ira e da justiça divina, e a segunda, da salvação de Deus para as pessoas justificadas pela fé.

Romanos 5 serve como uma dobradiça, dado que, por um lado, conclui o discurso precedente, especialmente aquele desenvolvido em Rm 4; por outro, comprova os efeitos da justificação na vida do fiel batizado. Esse capítulo pode ser estruturado em duas perícopes (dois trechos): 1) Rm 5,1-11, cuja temática central é o efeito da justificação, e 2) Rm 5,12-21, que contrasta o pecado e a morte, tendo como representante a figura de Adão, com a graça e a vida, retratadas por Jesus Cristo, o novo Adão (Penna, 2004, p. 415).

1. AS CONSEQUÊNCIAS DA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ (RM 5,1-11)

A carta aos Romanos é um escrito bem articulado, que entrelaça as temáticas numa sequência lógica, como pode ser visto nessas duas primeiras partes argumentativas. Assim, Rm 5,1-11 faz parte do grande bloco da carta que abarca os capítulos 1-8, sendo a justificação pela fé a temática desenvolvida. Por isso, não é possível lê-lo isolado do enunciado central em Rm 1,16-17, no qual o autor apresenta o que deseja provar: a justificação pela fé em Jesus Cristo, e não pelas obras da Lei. Nem pode estar separado de Rm 1,18-4,25, quando é comprovado que todos pecaram, de modo que não há nenhum mérito humano para serem redimidos, devendo, somente, aguardar a ira divina (Rm 1,18-3,20). Deus, porém, manifesta sua justiça de forma gratuita e benevolente, enviando Jesus Cristo como instrumento de expiação (3,21-31) e redimindo os batizados e batizadas de seus pecados. Isso é corroborado em Rm 4, por meio de textos do Antigo Testamento e de dois personagens bíblicos:

Abraão e Davi. Por isso, Rm 5,1-11 é a conclusão do argumento anterior, quando são elencados os efeitos da justificação pela fé: a paz, a esperança, a reconciliação.

Num olhar panorâmico, percebe-se a menção à tríade paulina: a fé (v. 1-2), a esperança (v. 2.4.5) e o amor (v. 5), sendo mais desenvolvida a esperança, dado que a fé foi enfatizada em Rm 1-4. A caridade será abordada em Rm 8, sendo expressão da fé e resultante da experiência do amor gratuito de Deus e da entrega benevolente de Jesus. A perícopes contém breve introdução, na qual foca as consequências da justificação por meio da fé: a paz com Deus (v. 1) e a esperança na glória de Deus (v. 2). Em seguida, descreve a situação atual dos cristãos (v. 3-5), tendo a esperança como força motriz diante das tribulações; a certeza do agir de Deus no passado e de Cristo, bem como do dom do Espírito Santo recebido no batismo. As consequências futuras são: a salvação, a participação na vida divina e a reconciliação (v. 6-11).

Romanos 5,1-5, como conclusão de Rm 4, tem como pano de fundo o personagem Abraão, visto como pai na fé e na esperança, pois acreditou na promessa de descendência, embora ele e sua mulher fossem estéreis, e, ao ouvir a ordem de Deus, deixou sua terra e partiu, sem ter nada preestabelecido, sem saber para onde ir, confiando que Deus iria indicar a Terra Prometida. É aquele que acreditou “contra toda esperança”. Assim, todos são chamados a crer na ressurreição de Jesus Cristo, na vitória da vida, mesmo em meio às tribulações (Rm 4,23-25). Diante desse contexto, é introduzido na carta o tema da esperança, vinculado com a justificação pela fé. Para o autor, “justificação” é um termo relacional e significa considerar uma pessoa justa ou declará-la como tal, reconhecendo-a como parceira aceitável no relacionamento da aliança, sendo a “justiça de Deus” manifestada em Jesus Cristo (Rm 3,21-31). Essa

justificação se dá no batismo, quando o fiel é redimido do pecado e se restaura a relação com Deus e com as pessoas, com a criação, com todo o universo. É um ato que aconteceu no batismo, mas cujos efeitos continuam no presente, na vida cotidiana do fiel. Por isso, o autor passa a descrever as consequências da adesão inicial a Cristo – da justificação realizada no batismo – no dia a dia. A primeira consequência será a paz com Deus, com base, provavelmente, no Sl 32,17, que afirma ser a paz o fruto da justiça. “Paz” não significa somente cessação da guerra, mas integralidade, sem divisão interior (por derivar do verbo *shalam*, que significa “ser inteiro, integrado”). A paz também era um bem prometido na era messiânica, na Nova Aliança (Is 54,10; 37,26), na qual haveria bem-estar e harmonia completa. Essa esperança da paz com Deus foi concretizada por meio de Cristo, ao instaurar a era messiânica, e é oferecida a todos, não como imposição (Is 66,12-16), mas por pura gratuidade de Deus.

A expressão “por nosso Senhor Jesus Cristo” afirma que Jesus é o Messias esperado, o Filho de Deus e o Senhor ressuscitado que continua a interceder pelos fiéis junto de Deus como mediador. Deus veio ao encontro da humanidade por meio do Filho e continua a fazer isso constantemente, em Jesus. Isso indica que o batizado e a batizada sempre estão na presença de Deus, pois Cristo garante o acesso a essa graça a quem o busca. Por fim, indica a fonte do vangloriar-se dos cristãos: “a esperança da glória de Deus”. Em razão disso, pode-se dizer que há um “orgulho” que é apropriado: orgulhar-se de ser criatura de um Deus benevolente. A “glória de Deus” pode ser entendida como intervenção divina na história, como manifestação de seu amor e de sua ação, mas, ao mesmo tempo, é a participação na vida de Deus (Fitzmyer, 1999, p. 396-397). Esta é a esperança e o sonho de Deus e da criatura humana: a comunhão entre Deus e suas



criaturas, e a comunhão entre os seres humanos e destes com o todo o mundo criado.

Outra forma de orgulhar-se é das tribulações (v. 3) e dos sofrimentos que a missão e o seguimento de Jesus provocam. A palavra “tribulação” não só pode significar angústia causada por circunstâncias externas, mas também é um termo técnico, que designa os sofrimentos que aconteceriam antes do fim dos tempos, chamado “princípios das dores do parto” (Dn 12,1; Mc 13,19.24). Trata-se de um período intermediário entre a era messiânica, inaugurada com a vinda de Jesus, e a parúsia. Essas tribulações eram indicativos de que o momento escatológico, ou seja, o fim, era iminente. A exortação a “orgulhar-se das tribulações” também pode ser interpretada não como resignação diante do sofrimento, mas como tomada de consciência de que o cristão vive num constante mistério pascal, de morte e ressurreição, ao participar dele por meio do batismo (2Cor 12,7-10; Rm 6). Desse modo, o autor une a participação no mistério pascal com as tribulações do fim dos tempos, criando um elo entre esses dois momentos escatológicos (v. 3-4). Nota-se uma sequência em degraus

“Deus veio ao encontro da humanidade por meio do Filho e continua a fazer isso constantemente, em Jesus.

”

(v. 3-4), que indica um amadurecimento, tendo como ponto de partida e de chegada a esperança. Assim, a tribulação produz a perseverança, que, por sua vez, significa constância, paciência com os processos, não fugindo dos conflitos, mas enfrentando-os. Não são, porém, meros conflitos; são perseguições e uma variedade de sofrimentos. Por isso, da perseverança surge a experiência, como resultado por serem provados, testados, exigindo fidelidade ao seguimento de Jesus. De fato, o cristão e a cristã participam do mesmo destino do Mestre. Da mesma forma que o projeto de Deus manifestado em Cristo não foi aceito, também não será aceito o anúncio desse projeto da parte de seus discípulos e discípulas. Assim, o texto afirma que o processo escatológico, esperado somente no final dos tempos, já começou, com a instauração do Reino de Deus por Cristo Jesus e com o batismo, que requer perseverança e paciência, pois conta com provas para a purificação (Mt 3,2-23). Todo esse processo produz esperança, porque indica que o caminho de salvação já está sendo trilhado. Ao olhar para a glória de Deus, manifestada em Cristo Jesus após sua morte e ressurreição, a cristã e o cristão descobrem que o sofrimento lhes dá a capacidade de avaliar de forma realista e de purificar seu

modo de olhar o mundo, mas sempre tendo como horizonte essa comunhão com Deus (esperança). Hoje, a pergunta que pode ser feita é: o sofrimento experimentado é relido à luz do mistério pascal?

O texto continua, afirmando que ninguém ficará envergonhado, decepcionado, porque já experimentou o amor de Deus derramado em seu coração, plenificando-o, pelo Espírito, no batismo. O Espírito Santo está ligado ao messianismo de Jesus, pois havia a expectativa de que, quando o Messias viesse para instaurar a era messiânica, denominada Reino de Deus, também viria o Espírito, para certificar a autenticidade do tempo messiânico. De fato, há uma relação entre o Messias Jesus e o Espírito Santo. Esse mesmo Espírito foi dado ao batizado como arras. Arras é um termo comercial, que significa a antecipação do pagamento de um bem que está sendo comprado, garantindo sua compra. Não é um penhor, mas seria, na linguagem popular, um “sinal”, uma garantia. Com efeito, no batismo, o fiel faz a experiência de receber com antecipação algo que receberia somente no fim dos tempos. Por isso, já faz a experiência do “já e ainda não” dos tempos escatológicos, pois participa do mistério pascal, mas ainda não vive como ressuscitado, apesar de ter a ressurreição como horizonte.

A fé, a esperança e a caridade se interconectam nesse texto. A fé consiste em acreditar no amor de Deus, manifestado na entrega incondicional de Jesus Cristo. Se o cristão e a cristã acreditam nesse amor e o experimentam, também são chamados a amar, ou seja, a exercitar a caridade, que consiste em expressar concretamente a fé. A esperança, por sua vez, está ligada também à fé, como é expresso em Rm 5,1-5, dado que a fé é marcada pela certeza da vitória da vida, a ressurreição. Qual é, contudo, a relação entre a caridade e a esperança? Se a esperança se concretiza em ser ressuscitado por Deus

PAULO APÓSTOLO E OS DESAFIOS DA EVANGELIZAÇÃO

Pe. José Bortolini



O livro é dividido em duas partes: a primeira analisa diversos aspectos da vida e missão de Paulo com base nos Atos dos Apóstolos, enquanto a segunda explora os principais temas de suas cartas.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



e viver eternamente em comunhão com ele e com as pessoas, a caridade é a antecipação dessa comunhão na história; é viver, já aqui, a comunhão com Deus, com as pessoas, com a natureza e consigo mesmo. Assim, se, por um lado, a esperança futura, a segunda consequência da justificação, está baseada na ressurreição de Jesus, por outro, está também presente na experiência da graça, da qual todos já desfrutaram e que continua em sua vida diária. Tudo isso por pura iniciativa divina, pela gratuidade do seu amor. Para reforçar esse imenso amor, o autor declara que Deus decidiu livremente reconciliar-se com os pecadores, introduzindo a terceira consequência da justificação.

A expressão “quando éramos fracos” (v. 6) não tem conotação religiosa; provavelmente, tem a intenção de estabelecer o contraste entre a fragilidade humana e o poder de Deus, ou se referir ao tempo antes da adesão a Cristo, indicando um processo de cristificação. “Pecador” faz parte dos termos religiosos, pois designa aquele que rompeu a aliança contraída com Deus. A menção a morrer por alguém remete à doação de Jesus em sua morte, como será confirmado nos versículos seguintes, ao afirmar que Jesus morreu pelos pecadores; ou seja, a morte de Jesus é relida nessa perspectiva salvífica.

“ O processo escatológico, esperado somente no final dos tempos, já começou, com a instauração do Reino de Deus por Cristo Jesus e com o batismo.

”

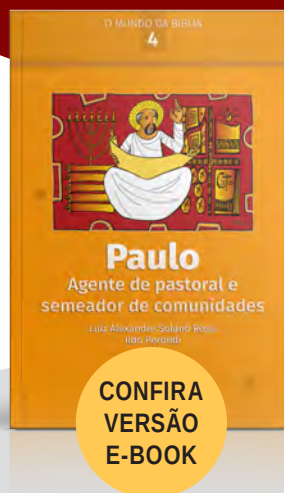
Ao referir-se ao sangue, o texto remete ao aspecto cultural, dos sacrifícios, para dizer que a morte de Jesus é vista como mediadora para restabelecer o relacionamento entre Deus e a humanidade, uma Nova Aliança. O termo “reconciliação” (v. 10) faz parte do campo diplomático-político, mas geralmente era a parte fraca que pedia a reconciliação ao país forte, para que não fosse destruído totalmente. No entanto, aqui há o inverso: Deus, a parte forte, resolve se reconciliar com a humanidade (parte fraca). Toda a iniciativa de reconciliação é de Deus: passando da inimizade, da hostilidade, da total oposição, para a amizade (v. 10). A reconciliação precede a ação humana (Rm 5,10), vindo antes, até mesmo, da confissão dos pecados. Ela se cumpre por meio da obra de Cristo, relacionada com sua morte e ressurreição; ou seja, a palavra da reconciliação é o próprio Evangelho, que é dado como um dom por puro amor (Rm 5,10-11; 2Cor 5,19).

O autor pergunta: se Deus, por meio de seu Filho, decidiu se reconciliar com as pessoas gratuitamente enquanto eram pecadoras, o que não fará agora, quando já foram libertadas do pecado? Ele responde: “Deus dará a salvação definitiva, por meio da entrega total e amorosa de seu Filho”. Essa reconciliação inaugura a era messiânica e abre a perspectiva para a espera do tempo vindouro da salvação. A salvação futura, portanto, será mais uma consequência da justificação. É importante, porém, ter presente que há uma diferença entre os termos “redenção” e “salvação”. A redenção e a justificação são sinônimas e se dão no batismo, por serem oferecidas a todos por meio da vinda de Jesus em sua encarnação e, de forma especial, em sua morte e ressurreição. A salvação, contudo, se dará somente no fim dos tempos, na parúsia, na vinda definitiva de Jesus.

PAULO

Agente de pastoral e semeador de comunidades

*Luiz Alexandre Solano Rossi
Ildo Perondi*



O livro destaca Paulo como agente de pastoral e fundador de comunidades, enfatizando sua dedicação ao discipulado de Cristo. Sua paixão evangelizadora inspira todos os que assumem seu papel na missão da Igreja.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

2. PECADO E GRAÇA: ADÃO E O NOVO ADÃO (RM 5,12-21)

A segunda seção do capítulo 5 (v. 12-21) contém quatro momentos: a) v. 12: esboça a comparação entre pecado e graça; b) v. 13-14: explicitam o argumento, acentuando o aspecto cristológico; c) v. 15-17: estabelecem uma comparação entre Adão e Cristo, apontando as diferenças a fim de enfatizar a ação de Cristo; d) v. 18-21: concluem, indicando o horizonte último, a vida eterna (Penna, 2004, p. 447).

Ao mencionar Adão, o autor volta-se para toda a humanidade, conectando o trecho com os argumentos anteriores (v. 6-11). Ao comparar Adão com Cristo, apresenta sistemas diferentes, marcados por esses dois personagens: Adão representa o ser humano falido por causa do pecado, e Cristo representa a humanidade marcada pela graça.

O texto se inicia com a afirmação de que, por meio de Adão, o pecado entra no mundo e com ele a morte, reportando-se a Gn 2,16-17 e 3,19, que unem a transgressão

com a morte. Assim, a morte e o mal não faziam parte da criação; com o pecado de Adão, porém, o ser humano recebe a possibilidade de pecar e a condição de morrer. Esse aspecto também é encontrado em outros escritos bíblicos, na literatura apócrifa e extrabíblica (Sir 25,24; Sb 2,14; 4Esd 3,7; 7,116-126; 2Br 17,1-4) (Penna, 2004, p. 455). Há muitas discussões sobre o v. 12, por ter dado fundamento à doutrina do “pecado original”, porém o autor parece não desejar especular sobre a origem do mal, e sim afirmar que, com a possibilidade de pecar, após o pecado de Adão, todo ato pecaminoso remete ao pecado adâmico. Assim, quando afirma que todos pecaram, não foi por causa de Adão, mas, sim, pelos pecados realizados e expressos em Rm 1,18-3,20, quando o autor prova que todos pecaram e, portanto, não há como esperar a justificação por meio de méritos e ninguém está isento da morte.

Nota-se que o autor joga com o significado da palavra “morte”, sendo esta vista como física (v. 12.21), moral e eterna.



“ A morte e o mal não faziam parte da criação; com o pecado de Adão, porém, o ser humano recebe a possibilidade de pecar e a condição de morrer.

”



Com efeito, todos esses significados caracterizam a situação de alienação da criatura ante o Criador (Dunn, 2022, p. 393-394). Para explicar o que foi dito, é retomado o tema da relação entre Lei, pecado e morte, nos vv. 13-14. Assim, é esclarecido que há pecados considerados transgressões, como expressão de desobediência à Lei, e outros que não são transgressões, por ausência da Lei. Sublinha, ainda, a diferença entre a possibilidade de pecar e atos pecaminosos, que são denominados pecados. Nesse sentido, o ser humano não é pecador, mas capaz de cometer pecado. O pecado não faz parte do ser humano, mas o desumaniza.

Diante dessa realidade inicial, surge a comparação entre Adão e Cristo, como dois paradigmas contrastantes, representantes da humanidade regida por sistemas diferentes (vv. 15-17). Adão representa o ser humano fracassado, que transgrediu o mandamento de Deus e teve como consequência a morte, a condenação. Cristo, por sua vez, representa a humanidade sonhada por Deus, aquele que, por sua obediência, concedeu à

humanidade o dom da graça, a vida eterna e a justificação. Na conclusão dos argumentos (vv. 18-19), a comparação continua, porém acentuando a dimensão da queda de Adão, dado que, por sua desobediência, ele trouxe para a humanidade a condenação e o ser pecador, em contraste com Cristo, que, obediente, possibilitou a justificação por pura gratuidade de Deus.

Na conclusão da perícopa, o autor retorna ao tema da Lei, reafirmando que não é sua função declarar justa uma pessoa que pecou, mas transformar o pecado em transgressão, fazendo abundar assim o pecado e conduzindo o ser humano à morte, por ser manipulado pela Lei (Rm 7). O único que tem a função de justificar, de declarar justos os pecadores, é Cristo; não por méritos, pois eles não os têm, mas por graça. Assim, onde “abundou o pecado, superabundou a graça”. Essa “graça reina pela justiça para a vida eterna” por meio de Jesus Cristo. Vida que se inicia com o batismo, no viver em Cristo, e será sempre o horizonte para o cristão e a cristã, chamado/a a peregrinar na esperança.

CONCLUSÃO

Rm 5,1-21 é um texto fundamental para o itinerário cristão, pois ajuda a compreender a gratuidade do amor de Deus. Ajuda a entender que, apesar das grandes dificuldades, das multicrises neste processo de transição que por todos é vivido, é necessário manter a esperança, a fé e a caridade unidas, eliminando o medo, que mata a esperança. Vencer as angústias, aflições, tribulações só é possível quando se caminha juntos e juntas, quando também se está disposto/a a reconciliar-se com Deus e com o próximo.

De fato, este ano jubilar é tempo propício para avaliar aquilo que necessita de reconciliação; para olhar as feridas pessoais, comunitárias, da história, num processo de restauração das relações, de humanização, com a consciência de que a esperança não decepciona, pois o amor de Deus foi derramado nos corações dos batizados e batizadas pelo seu Espírito, e de que é possível testemunhar a esperança, tornando o Reino de Deus visível nos pequenos gestos cotidianos de escuta, de partilha, de solidariedade, de saída ao encontro dos outros.

vp



“ O ser humano não é pecador, mas capaz de cometer pecado.
O pecado não faz parte do ser humano, mas o desumaniza..

”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRANFIELD, C. E. B. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 1992. (Grande Comentário Bíblico).
- CROSSAN, J. D. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- DUNN, J. D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- DUNN, J. D. G. *Carta aos Romanos*. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 1099-1115.
- DUNN, J. D. G. *Comentário à carta de Paulo aos Romanos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2022. v. 1.
- FITZMYER, J. A. *Lettera ai Romani: commentario critico-teologico*. Casale Monferrato: Piemme, 1999.
- GIL ARBIOL, C. J. *Paulo na origem do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2018. (Bíblia e História. Série Maior).
- PENNA, R. *Lettera ai Romani: Rm 1-5. Versione e commento*. Bologna: Dehoniane, 2004. v. 1.
- PITTA, A. *Cartas paulinas*. Petrópolis: Vozes, 2019. (Introdução aos Estudos Bíblicos).
- SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA. *Mês da Bíblia 2025: carta aos Romanos*. “A esperança não decepciona” (Rm 5,5). São Paulo: Paulinas, 2025.
- SILVANO, Z. A. *A esperança na Sagrada Escritura: meditações e encontros*. São Paulo: Paulinas, 2025.
- SILVANO, Z. A. O “sacrifício” nas cartas protopaulinas. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 33, n. 129, p. 111-118, jan./mar. 2016.

PAULO E O DOM

John M. G. Barclay



O livro explora o conceito de “dom” em Paulo, relacionando-o à antropologia do dom e à graça divina manifestada em Cristo. Analisa a beneficência divina no período do Segundo Templo e reinterpreta a teologia paulina em Gálatas e Romanos.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Ir. Dra. Lucia Weiler, dp*

*Lucia Weiler é irmã da Divina Providência. Doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), tem experiência no magistério de Sagrada Escritura tanto em meios populares, vinculados ao Centro de Estudos Bíblicos (Cebi), quanto em espaços acadêmicos (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – Estef). Atualmente reside em Canoas-RS e, além de assessorias bíblico-teológicas, atua como vice-presidenta da Rede Divina Providência de Assistência Social e Cidadania (Redipasc), que cuida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

“A CRIAÇÃO ABRIGÁ A ESPERANÇA”

Romanos 8,18-27



O artigo propõe uma releitura de Rm 8,18-27, sob o título “A criação abriga a esperança”. A criação, que no texto é sujeito ativo e passivo da esperança, geme em dores de parto, esperando com impaciência a manifestação dos filhos e filhas de Deus. Concluímos com a convicção de que os gemidos da criação devem ser nossos gemidos, porque são os gemidos da RUAH. Nova espiritualidade ecológica integral é urgente, na cultura do cuidado da Casa Comum, para que as dores de parto da criação não se transformem em dores de aborto. Antes que seja tarde demais!



O TEXTO DE ROMANOS 8,18-27

¹⁸Penso que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura que deverá ser revelada em nós.

¹⁹A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus. ²⁰Entregue ao poder do nada – não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu –, a criação abriga a esperança, ²¹pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus.

²²Sabemos que a criação toda geme e sofre dores de parto até agora. ²³E não somente ela, mas também nós, que possuímos os primeiros frutos do Espírito, gememos no íntimo, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo. ²⁴Na esperança, nós já fomos salvos. Ver o que se espera já não é esperar: como se pode esperar o que já se vê? ²⁵Mas, se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos.

²⁶Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. ²⁷E aquele que sonda os corações sabe quais são os desejos do Espírito, pois o Espírito intercede pelos cristãos de acordo com a vontade de Deus (Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, Paulus).

1. CONTEXTUALIZAÇÃO: PARTINDO DA REALIDADE DE ONTEM E DE HOJE

A Palavra de Deus sempre nos surpreende, por estar inserida em situação de vida concreta, no ontem, no hoje e no amanhã, abrindo horizontes para o futuro. Assim podemos considerar o contexto no qual se insere o texto de Rm 8,18-27 proposto para nossa reflexão. Desde o capítulo 7, Paulo, o autor da carta aos Romanos, partilha uma realidade existencial, com um sentimento bastante comum, também para nós hoje: a incapacidade de fazer o bem que deseja e de evitar o mal que não quer (Rm 7,18-19). Quem, porém, se coloca, sempre de novo, numa atitude de sensibilidade humana e discernimento no Espírito é conduzido pela própria graça de Deus a um processo de conversão. Foi o que aconteceu na vida de Paulo. Ele reconhece e conta como superou suas fragilidades e alcançou a libertação após longa e dolorosa caminhada. E o mais interessante é que ele constata que justamente as vulnerabilidades e fragilidades, quando reconhecidas, podem ser a brecha de abertura pela qual Deus entra com sua graça. No capítulo 8, Paulo procura comunicar algo da nova experiência que Deus realizou em sua vida, por intermédio de Jesus Cristo. Quem de nós já não experimentou algo semelhante na sua vida?

No contexto global da carta aos Romanos, o capítulo 8 é, por assim dizer, o patamar, o topo da montanha, no qual está o holofote que ilumina a estrada para trás (capítulos 1-7) e para a frente (capítulos 9-16) (Equipe de Reflexão Bíblica da CRB, 1995, p. 283-285). Considerando sua estrutura literária, vemos que, na primeira parte, apresenta os critérios e as consequências concretas para quem assume uma vida segundo o Espírito de Deus, em contraposição a uma vida pautada por outros influenciadores e tendências, identificados por Paulo como “instintos egoístas” (Rm 8,1-13). O discernimento é: “Se vocês vivem segundo os instintos egoístas, vocês morrerão; mas se, com a ajuda do Espírito, fazem morrer as obras do corpo, viverão” (v. 13).

A seguir, em Rm 8,14-17, é introduzido o tema da vida segundo o Espírito. Esta se manifesta por meio de um novo relacionamento com Deus, que confere nova consciência de filhos e filhas. Deus já não é juiz distante que ameaça com a Lei na mão, mas sim um Pai, *Abba*, que acolhe e abraça com misericórdia e ternura. A ponte para nosso texto são os v. 16-17: “O próprio Espírito assegura ao nosso espírito que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus junto com Cristo, uma vez que, tendo participado dos seus sentimentos, também participamos de sua glória”.

A nova vida no Espírito é semente de nova humanidade. A Palavra de Deus, anunciada em Rm 8,18-27, faz contemplar a história como um processo de gravidez, de gestação de algo novo, com gemidos de dores de parto, que envolve toda a criação, mas tem nascimento garantido. Com essa metáfora da mulher em dores de parto, que também encontramos em Jo 16,21, Paulo anuncia que o Espírito de Jesus gera nova criação, nova espiritualidade. Ele vem em auxílio de nossa incapacidade, reza em nós, sustenta-nos e faz pedir o que convém a nós e ao projeto de Deus.

PAULO E O IMPÉRIO

Religião e poder na sociedade imperial romana

Richard A. Horsley



O livro questiona a visão tradicional de Paulo e apresenta uma leitura alternativa, destacando suas propostas transformadoras. Um marco para os estudos do Novo Testamento.



ADQUIRA
JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



A partir daí, o Espírito, protagonista da nova humanidade e da nova criação, abre novo futuro de esperança. Quem se deixa conduzir por esse horizonte de esperança e colabora com o cuidado amoroso da vida faz a experiência da serenidade e constata que tudo contribui e converge para essa novidade do Espírito, até mesmo as contrariedades da vida: “Tudo concorre para o bem dos que amam a Deus” (Rm 8,28).

Os últimos versículos (Rm 8,31-39) mostram a supremacia do amor de Deus. Vislumbram o futuro de um mundo novo, de uma nova criação, novo céu e nova terra, que já está em processo embrionário, germinal, pela esperança que nunca engana e pela promessa gratuita de Deus que nunca falha (cf. Rm 5,1-5). Paulo tira as conclusões de sua profunda experiência de Deus: “Depois disto, o que nos resta dizer? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8,31).

Em resumo, nesse capítulo 8 está o eixo central da carta aos Romanos. É o amor de Deus a raiz, a fonte e a dinâmica de toda liberdade. Quem se deixa amar por Deus e ama verdadeiramente seus irmãos e irmãs está livre de qualquer poder opressor deste “mundo”; livre para servir e doar sua vida sem reservas; livre para pensar sem medo e ver tudo com a liberdade de um novo olhar, sabendo-se semente do Espírito, capaz de gerar nova humanidade. Essa convicção de fé de Paulo penetrou tudo: a consciência (Rm 8,16), a visão da história (Rm 8,18-25), a oração (Rm 8,26). Até mesmo as contradições da vida que dificultam a caminhada e parecem contrárias ao projeto de Deus conseguem ser integradas nessa nova visão (Rm 8,28.35). Jesus Cristo é nossa esperança (1Tm 1,1).



“ *As vulnerabilidades e fragilidades, quando reconhecidas, podem ser a brecha de abertura pela qual Deus entra com sua graça.* ”



2. A CRIAÇÃO ABRIGA A ESPERANÇA: GEMIDOS DE DORES DE PARTO DA CRIAÇÃO

Adentrando mais no texto-tecido (Rm 8,18-27), percebemos que o fio que o costura e lhe dá unidade teológico-espiritual é a “esperança”. E o primeiro sujeito é a criação. Três expressões chamam a atenção: 1) a criação *espera com impaciência* (v. 19); 2) a criação *abriga a esperança* (v. 20); 3) a criação *toda geme e sofre dores de parto* (v. 22). Nas três expressões, a criação aparece como sujeito ativo e passivo da esperança. Nessa dinâmica, o “Evangelho da criação” (Campanha da Fraternidade de 2025) torna-se o “Evangelho da esperança”.

O texto é introduzido pela lembrança dos sofrimentos. “Penso que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura que deverá ser revelada em nós. A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus” (v. 18-19). Por experiência, sabemos que toda comparação engana. Os sofrimentos presentes não são dignos de serem comparados com a glória que deverá revelar-se em nós. Nem podemos pensar numa espiritualidade masoquista ou numa teologia da retribuição. Por isso, vale a pergunta: de que sofrimentos fala Paulo? Que sofrimentos do momento presente nos tocam mais profundamente?

Nem todo sofrimento pode e deve ser validado. Contudo, o sofrimento do qual fala Paulo é um sofrimento que tem sentido libertador e redentor. Podemos pensar em algo parecido com um resgate da verdadeira dignidade da criação e dos filhos da criação, os filhos do Deus da criação. A luta por essa causa pode estar ligada a sofrimentos que têm sentido.

A criação está em relação direta com a vida humana e a filiação divina. Tudo está interligado, diz a *Laudato Si'*. Por isso, a impaciente espera é motivada pela manifestação da dignidade das filhas e filhos de Deus. Esta é a glória de Deus: que a pessoa humana viva com dignidade e em plenitude. Santo Irineu de Lyon diz que “a glória de Deus é o homem vivo”!

A segunda relação da criação é com a esperança: *a criação abriga a esperança* (v. 20). Lindo e verdadeiro nome para a Casa Comum de todos: “abrigo da esperança”! Neste ano jubilar, com o tema “Peregrinos de esperança”, o papa Francisco lembrava: “A esperança é uma âncora. Uma âncora que se joga com a corda e afunda na areia. E nós temos de estar agarrados à corda da esperança. Bem agarrados”.²

Quando contemplamos a realidade ecológica planetária, quando ouvimos os gritos da terra e dos povos da terra, entendemos a atualidade das palavras de Paulo: “a criação toda geme e sofre dores de parto” (v. 22). Dores de parto são dores de esperança e vida. Nosso cuidado com a criação é para que seus gemidos e sofrimentos não se tornem dores de aborto, que trazem no horizonte a morte, onde há falta de vida e esperança. A *Laudato Si'* convoca para uma “cultura do cuidado”, e a Campanha da Fraternidade de 2025 alerta para a necessidade de uma “ecologia integral”, que abrange também o cultivo de uma espiritualidade ecológica.

2 Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2025-02/significado-da-esperanca-para-a-papa-francisco.html>. Acesso em: 10 abr. 2025.



“ *Quem se deixa amar por Deus e ama verdadeiramente seus irmãos e irmãs está livre de qualquer poder opressor deste ‘mundo’.* ”



Aos gemidos da criação somam-se os gemidos de inúmeros irmãos e irmãs. “E não somente ela (a criação), mas também nós, que possuímos os primeiros frutos do Espírito, gememos no íntimo, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo” (v. 23).

3. “NA ESPERANÇA JÁ FOMOS SALVOS”: NOSSOS GEMIDOS SÃO DE ESPERANÇA?

“Gemidos de esperança” brotam dos filhos e filhas de Deus, de nós, que já possuímos as primícias do Espírito. A pergunta agora é: de que esperança fala Paulo na carta aos Romanos? Que esperança nos anima hoje? Para responder a essa pergunta, Paulo evoca uma tensão paradoxal entre o “ver” e o “esperar”, quando diz: “Ver o que se espera já não é esperar: como se pode esperar o que já se vê? Mas, se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos” (v. 24-25).

Aqui podemos trazer à memória o testemunho de Abraão e das minorias abraâmicas que caminham na fé e na esperança como se vissem o invisível. A teologia paulina põe ênfase na tríade fé-esperança-amor (cf. 1Ts 1,3; 5,8; 1Cor 13,13 etc.). Há uma interligação intrínseca entre estas três, assim chamadas, “virtudes teológicas”. Em Hebreus, a fé é apresentada como um “modo de já

experimental aquilo que se espera. É um meio de conhecer realidades que ainda não se veem” (Hb 11,1).

Cardeal D. José Tolentino Mendonça lembra que:

A fé é um caminho feito de expectativa e confiança. E o nosso modo de caminhar na fé é tateando, como se víssemos o invisível, segundo a bela formulação da carta aos Hebreus (11,7). Somos habitados pela possibilidade de Deus, por uma questão inesgotável. Mas a proximidade de Deus com a nossa história não anula a dimensão purgativa, a experiência da existência como tal, feita de perguntas e agonias, de dúvidas, de desertos, de noites escuras (www.instagram.com/comodissetolentino, 29 fev. 2024).

Abraão não tinha motivos, humanamente falando, para ter esperança: ele e Sara não poderiam ter o filho tão esperado. No entanto, Abraão contava com uma promessa de Deus e, por isso, escolheu continuar acreditando. Em suas catequeses, o papa Francisco exortava a inspirar-nos na grande figura de Abraão para nos indicar o caminho da fé e da esperança. Paulo escreve: “Esperando contra toda a esperança, Abraão teve fé e se tornou pai de muitas nações” (Rm 4,18).

De fato, o anúncio de Deus a Abraão, prometendo-lhe o nascimento de um filho, era humanamente inacreditável, porque ele era idoso – tinha quase 100 anos – e Sara, sua esposa, era estéril. Abraão crê na promessa de Deus, e sua fé se abre a uma esperança aparentemente irracional; essa é a capacidade de ir além das razões humanas para acreditar no impossível, como foi a experiência de Maria: “Para Deus nada é impossível!” (Lc 1,37). A esperança abre novos horizontes, torna capaz de sonhar aquilo que não é nem mesmo imaginável.

Viver na esperança viva e ativa “não é fácil”, continuava o papa Francisco nas suas catequeses. Faz entrar na escuridão de um futuro incerto para caminhar na luz. Aqui chegamos a um ponto crucial da esperança: a tentação de desistir de esperar. Abraão, na fé, dirige-se a Deus não para pedir o filho, mas para que o ajude a continuar esperando. Sua única segurança é confiar na palavra-promessa de Deus e continuar a caminhar mesmo contra toda esperança (Audiência Geral, 28 dez. 2016).³

Exatamente nesses momentos de escuridão, quando não é fácil esperar, ou esperar, também hoje o Espírito vem em nosso auxílio.

“ *A criação está em relação direta com a vida humana e a filiação divina. Tudo está interligado.* ”



³ Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161228_udienza-generale.html. Acesso em: 10 abr. 2025.

PAULO NO MUNDO GRECO-ROMANO

J. Paul Sampley (org.)



O livro reúne ensaios de especialistas que exploram Paulo e suas cartas no contexto do mundo greco-romano. Aborda temas como honra, patronato, família, escravidão e retórica, destacando a relação entre cultura e Evangelho.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



4. O ESPÍRITO VEM EM AUXÍLIO DE NOSSA FRAQUEZA: GEMIDOS INEFÁVEIS DE INTERCESSÃO

Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. E aquele que sonda os corações sabe quais são os desejos do Espírito, pois o Espírito intercede pelos cristãos de acordo com a vontade de Deus (v. 26-27).

Chegamos, assim, a um dos aspectos mais importantes da esperança, que é sua dimensão escatológica. Quer dizer: a esperança vai além do sensível, do palpável e do visível. É um dom do Espírito que aponta para a realidade do Reino de Deus, “já e ainda não” presente neste mundo. Portanto, a esperança nos dá forças para caminhar na vida, apesar das incertezas e dos sofrimentos do momento presente. Como povo de Deus, peregrinamos neste mundo aguardando, em viva esperança, a vinda do Reino do seu amor, quando “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28).



“ A esperança abre novos horizontes, torna capaz de sonhar aquilo que não é nem mesmo imaginável.

”



Por fim, encontramos na expressão “o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis” uma manifestação mística de novo modo de rezar, uma nova espiritualidade, gerada, no mais íntimo do ser humano, como dom do Espírito de Jesus. Ele reza em nós, sustenta-nos e faz-nos pedir o que convém a nós e ao projeto de Deus, que quer concretizar-se com nossa colaboração.

Tudo isso não conseguimos apenas por nossa própria vontade e esforço humano. Que os gemidos inefáveis do Espírito venham em auxílio de nossa fraqueza e completem o que Deus em nós começou!

“Completem em mim a obra começada,
ó Senhor,
vossa bondade é para sempre!
Eu vos peço: não deixeis inacabada
esta obra que fizeram vossas mãos!”
(Sl 137/138,8; cf. Fl 1,6)

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo (II)*. São Paulo: Loyola, 1991.

CRANFIELD, C. E. B. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 1992. (Grande Comentário Bíblico).

EQUIPE DE REFLEXÃO BÍBLICA DA CRB. *Viver e anunciar a Palavra*: as primeiras comunidades. São Paulo: CRB: Loyola, 1995. (Tua palavra é vida, 6).

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015.



TEOLOGIA DA HISTÓRIA

Ensaio sobre a revelação,
o início e a consumação

Bruno Forte



O livro apresenta uma teologia da revelação de perspectiva trinitária, explorando os níveis do Silêncio, da Palavra e do Encontro. Une fé e reflexão contemporânea, abordando os desafios do cristianismo atual.



ADQUIRA
JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



*Pe. Paulo Bazaglia é mestre em Exegese Bíblica pelo Instituto Bíblico de Roma e doutorando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Coordenou a edição da Nova Bíblia Pastoral e é assessor editorial na área bíblica da Paulus Editora.

O “CULTO RACIONAL” E A ÉTICA DO DISCERNIMENTO

Uma leitura de Rm 12,1-2

A exortação de Paulo ao “culto racional”, dirigida aos seguidores de Jesus em Roma, implicava o oferecimento de corpos vivos, santos e agradáveis a Deus, bem como mentes em contínua renovação. No ambiente do culto romano, marcado pelo culto ao imperador, Paulo propõe o discernimento crítico a respeito da vontade ou plano de Deus para toda a humanidade, em vista de um comportamento comprometido com a vida nova do Espírito, com a justiça e a fidelidade do Deus de Jesus – que não podiam ser confundidas ou trocadas pela paz e justiça propagandeadas pelo Império Romano.





INTRODUÇÃO

A atenção à carta aos Romanos sempre se direcionou sobretudo aos capítulos 1-11, nos quais Paulo apresenta a dinâmica amorosa do Deus de Israel ao escolher um povo e então decidir incorporar todas as nações numa única família dos renascidos no Espírito de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Nas últimas décadas, felizmente, o olhar tem se voltado com maior frequência aos capítulos 12-15, nos quais encontramos essencialmente exortações de Paulo à comunidade dos seguidores de Jesus que se encontravam em Roma, o centro do império, por volta do ano 57 d.C., quando o apóstolo envia a carta, provavelmente de Corinto, por meio da diaconisa Febe. Procuraremos aqui indicar como Paulo, falando de um “culto racional”, abre a parte exortativa da carta, propondo uma ética do discernimento.

1. O “CULTO RACIONAL” DE Rm 12,1-2

Os dois primeiros versículos de Rm 12 funcionam como uma conclusão a toda a primeira parte da carta e, ao mesmo tempo, introduzem a segunda parte, exortativa:

^{12,1}Exorto-vos, portanto, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a apresentardes os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: (este é) o vosso culto racional. ²E não vos deixeis conformar ao esquema deste século, mas sede transfigurados pela renovação da mente, a fim de que possais discernir qual a vontade de Deus, o (que é) bom, agradável e perfeito.

Há quem diga que em Rm 12,1 temos o “portanto” mais importante de toda a Bíblia, apesar de algumas traduções omitirem a conjunção. Isso porque, ao iniciar a parte exortativa da carta, Paulo, com o “portanto”, relaciona as exortações de Rm 12-15 com Rm 1-11, seção em que ele apresenta o agir misericordioso do Deus de Israel e sua

decisão de salvar a todos pela fé em seu Filho. O Deus de Jesus não apenas não rejeitou o povo que havia escolhido, como também quis fazer de todas as nações uma só família dos que creem – todos filhos de Abraão, os de coração circuncidado (Rm 2,29), de quem Jesus se fez servidor (Rm 15,8). As ações misericordiosas de Deus (Rm 11,25-32), de fato, direcionam-se para o Evangelho de Jesus (sua vida e ações), como evento/realidade que manifesta a fidelidade de Deus, o qual cumpre as promessas feitas aos patriarcas. De uma humanidade acomodada pelo pecado (judeus e gentios), o Espírito faz surgir a humanidade renovada, renascida pelo batismo (Rm 6 e 8). Paulo inicia suas exortações, portanto, com uma exortação-chave, relativa a um culto novo, fundamentando essa exortação na dinâmica das ações misericordiosas do Deus de Israel para com toda a humanidade, que se encontrava encerrada na desobediência (Rm 11,32).

Paulo fala de um “culto racional” (em grego, *logikē latreia*). Em várias Bíblias, o adjetivo grego *logikós* é traduzido como “espiritual”. No entanto, se quisesse falar de um “culto espiritual”, Paulo teria usado o adjetivo comum *pneumatikós* (“relativo ao espírito”). Alguns propõem que esse culto seria “segundo o Logos divino”, mas este seria o sentido imediato sobretudo na literatura joanina. Não é tão simples compreender o que Paulo desejava ao usar um adjetivo que aparece no NT apenas aqui e em 1Pd 2,2, que exorta a desejar “o leite racional/lógico e não adulterado”. No tempo de Paulo, algumas correntes da filosofia grega eram críticas aos sacrifícios de sangue nos templos. Paulo, porém, é judeu e não tem a mentalidade dualista grega. Não se trata, para ele, de propor o fim dos sacrifícios ao Deus de Israel no templo de Jerusalém, e sim de enfrentar a questão dos sacrifícios feitos às diversas divindades do ambiente greco-romano.



No início da carta, Paulo havia apresentado a situação da humanidade:

Tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe agradeceram. Ao invés disso, tornaram-se vazios em seus pensamentos, e seu coração insensato ficou na escuridão. Vangloriando-se de ser sábios, tornaram-se tolos, e trocaram a glória do Deus incorruptível por representação de imagens de seres humanos corruptíveis, de aves, quadrúpedes e répteis (Rm 1,21-23).

No que segue (Rm 1,24-32), Paulo carrega bastante nas tintas para delinear o quadro de uma humanidade que vive de modo bastante desordenado, e há quem veja, como Neil Elliott (2010), que aí Paulo esteja também pintando um retrato da casa imperial. Seja como for, o novo culto a que Paulo exorta em Rm 12,1-2 é “racional”, “lógico” ou “inteligente” porque supera a mentalidade mágica presente nos rituais de sacrifício gentios, que buscavam, pela oferta de sacrifícios, a boa convivência com os deuses. Vale notar que, na *religio romana*, os sacrifícios não implicavam compromisso ético por parte do ofertante, o qual buscava, sobretudo, realizar corretamente os rituais previstos para obter o favor dos deuses. Trata-se, portanto, de algo bem diferente do que um judeu entendia como oferta cultural, e sobre isso basta recordar as tantas críticas proféticas e sapienciais ao culto (e ao sacrifício ritual) que Deus abomina quando não acompanhado da sinceridade de coração, ainda mais quando feito para encobrir as injustiças (por exemplo, Sl 51,18-10; Pr 15,8; Eclo 35,1; Is 1,11-17; 29,13-14; Os 6,6; Am 5,22; Mq 6,6-8; Ml 1,13). Trata-se da mesma crítica que encontramos no NT ao culto dissociado da vida de misericórdia e justiça (por exemplo, Mt 5,23-24; 9,13; 15,8-9; Mc 12,33).

PAULO, UM HOMEM DE DOIS MUNDOS

C. J. den Heyer



Paulo foi uma figura controversa desde o início de sua jornada, enfrentando questionamentos sobre seu apostolado e conflitos dentro da comunidade cristã. Manteve-se independente dos líderes de Jerusalém e teve desentendimentos até com Barnabé e Pedro.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



Fato é que, para traduzir na prática a novidade de vida trazida pelo Espírito, os seguidores de Jesus em Roma não podiam continuar oferecendo animais e alimentos a deuses que não passavam de representações e criações humanas, sobretudo porque oferecer tais sacrifícios significava participar da lógica que eles encerravam: uma religião fortemente preocupada com a correta realização dos rituais e profundamente entrelaçada pelo culto imperial, com imperadores mortos, já divinizados, recebendo culto direto (a partir de Augusto e, antes dele, do ditador Júlio César), e imperadores vivos recebendo culto indireto por meio de suas divindades protetoras. O culto imperial permeava desde as festas cívicas de Estado até as imagens do imperador presentes nos oratórios (larários) das casas, junto às outras divindades protetoras, caracterizando, assim, a religião romana como promotora da política imperial.

O culto racional ou lógico a que Paulo exorta, portanto, implica a capacidade humana de discernir, raciocinar, ponderar, rompendo com a mentalidade mágica típica dos sacrifícios rituais do mundo romano. Em vez de animais mortos, Paulo fala de um sacrifício vivo, santo (de algum modo “separado”, pois não conformado ao esquema deste mundo) e agradável a Deus. Trata-se não da oferta de algo externo, mas dos próprios corpos, entendidos como a totalidade do

ser humano em suas relações corporificadas concretas. Paulo se expressa em grego, mas sua mentalidade é a de um judeu, e “corpos” aqui não se contrapõem à alma (distinção já em uso na filosofia grega naquele tempo), mas indicam os seres humanos enquanto presença concreta no mundo. O plural não elimina a individualidade, mas reforça o caráter comunitário da oferta a Deus.

Essa oferta da vida a Deus, a qual passa pelas relações concretas dos *corpos* (aspecto somático), traduz-se, ao mesmo tempo, na inconformidade com o esquema do mundo atual e na transformação contínua pela renovação da *mentalidade* (aspecto noético). Os verbos imperativos do v. 2, na voz média ou passiva (“não vos deixeis conformar” ou “não sejais conformados”) e na voz passiva (“sede transfigurados”), indicam que forças contrárias ao Evangelho exercem influência sobre os fiéis e podem mantê-los conformados ou resignados com o esquema do mundo atual (passageiro e destinado a desaparecer: Rm 13,11-14); ao mesmo tempo, indicam afirmativamente que o empenho humano fundado na fé é sempre acompanhado pela ação do Espírito de Deus e aberto a ela, pois é Deus quem dá a graça da vida nova e a mantém animada.

Ao sacralizar os corpos como oferta viva a Deus, Paulo subverte o código social que via honra e sacralidade apenas nos corpos



da elite, enquanto os corpos escravizados e pobres eram considerados degradados (Bay, 2016). Degradação mesmo, para Paulo, é o quadro de Rm 1,18-32 (corpos que cultuavam as criaturas em vez do Criador), ao passo que os seguidores de Jesus, constituídos sobretudo por gente pobre e escrava, realizando o culto racional, faziam-no na consciência da sacralidade dos próprios corpos oferecidos a Deus – ainda que tais corpos continuassem vulneráveis a agressões físicas, psicológicas e de todo tipo.

Daí o inconformismo e a transfiguração pela renovação da mente, que traduzem o novo modo de vida dos seguidores de Jesus. E então podemos intuir que Paulo usa o adjetivo “racional” ou “lógico” talvez para salientar esse aspecto essencial da vida cristã, na qual, sob a graça e já não sob a Lei, no dinamismo do Espírito e não na obediência cega a regras, mandamentos e sacrifícios rituais, é necessária a constante transformação mental e interior que encontre a razão da existência e lhe dê sentido. O “vestir-se do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13,14), afinal, não é algo simplesmente externo, envolvendo apenas comportamentos de fachada ou ações isoladas, mas atitude interior de *metanoia*, mudança de mentalidade. Em outras palavras: uma metamorfose, que transforma por dentro e faz viver de outro modo.

Essas duas dimensões presentes na exortação podem ser relacionadas a outras passagens da carta. O culto racional dos seguidores de

Jesus é o contrário do quadro apresentado em Rm 1,18-32, em que o pecado dominava a humanidade, com a adoração das criaturas em vez do Criador, a troca da verdade de Deus pela mentira etc., de modo que “Deus os entregou à mente sem valor (ou reprovada) de cada um, para fazerem o que não convém” (Rm 1,28). A vida nova do Espírito não torna as pessoas imunes ao pecado, mas as liberta do domínio do pecado, sendo necessário diligência contínua para que “o pecado não reine mais no vosso corpo mortal” (Rm 6,12); “ao contrário, apresentai-vos à disposição de Deus, como pessoas vivas vindas da morte, e apresentai vossos membros como armas de justiça” (Rm 6,13).

Paulo deixa claro, enfim, que o novo *ethos* dos seguidores de Jesus que provinham da gentilidade e se encontravam nas casas e cortiços de Roma exigia a “inconformidade com o esquema deste mundo” e o “discernimento pela renovação da mente”; teria sempre como fundamento “as misericórdias de Deus” e traduziria novo tipo de resposta à vontade divina, concretizada em ações de misericórdia: o “culto racional” da oferta coletiva de corpos vivos e mentes em transformação.

2. A ÉTICA DE DISCERNIMENTO

Paulo exorta ao culto racional, que é uma metáfora para a oferta da própria vida a Deus por parte dos seguidores de Jesus. Ressignificando, assim, o culto, Paulo responde a uma

“*O novo culto a que Paulo exorta em Rm 12,1-2 é “racional”, “lógico” ou “inteligente” porque supera a mentalidade mágica presente nos rituais de sacrifício gentios, que buscavam, pela oferta de sacrifícios, a boa convivência com os deuses.*”

”



“*O culto racional ou lógico a que Paulo exorta, portanto, implica a capacidade humana de discernir, raciocinar, ponderar, rompendo com a mentalidade mágica típica dos sacrifícios rituais do mundo romano.*”

”

necessidade cultural: já que não têm mais sentido os sacrifícios às divindades das nações, e já que os seguidores de Jesus de origem não judaica não estão obrigados aos sacrifícios ao Deus de Israel no templo de Jerusalém, é necessário repropor o culto a Deus em termos de um sacrifício simbólico. Deste modo, Paulo o relaciona – nada mais, nada menos – com a totalidade da existência, vivida como oferta que agrada a Deus. Além disso, o apóstolo precisa responder a uma *necessidade ética*: o batismo, que inseria a pessoa na comunidade dos seguidores de Jesus, não era um rito mágico, e a ação do Espírito na vida nova dos batizados exigia-lhes o compromisso de viver segundo os princípios do Evangelho, na atenção contínua para não se deixarem levar por lógicas, mentalidades ou esquemas contrários ao Evangelho de Jesus.

A proposta de Paulo na exortação ao discernimento envolve uma aposta de risco, pois aponta para uma ética fundada nos valores do Evangelho que seja crítica a toda moralidade contrária a esses valores. A inconformidade com o mundo atual e a renovação da mente têm por fim o discernimento a respeito da vontade de Deus, caracterizada como o que é bom, agradável (a Deus) e perfeito. Paulo usa o verbo grego *dokimazo*, que significa

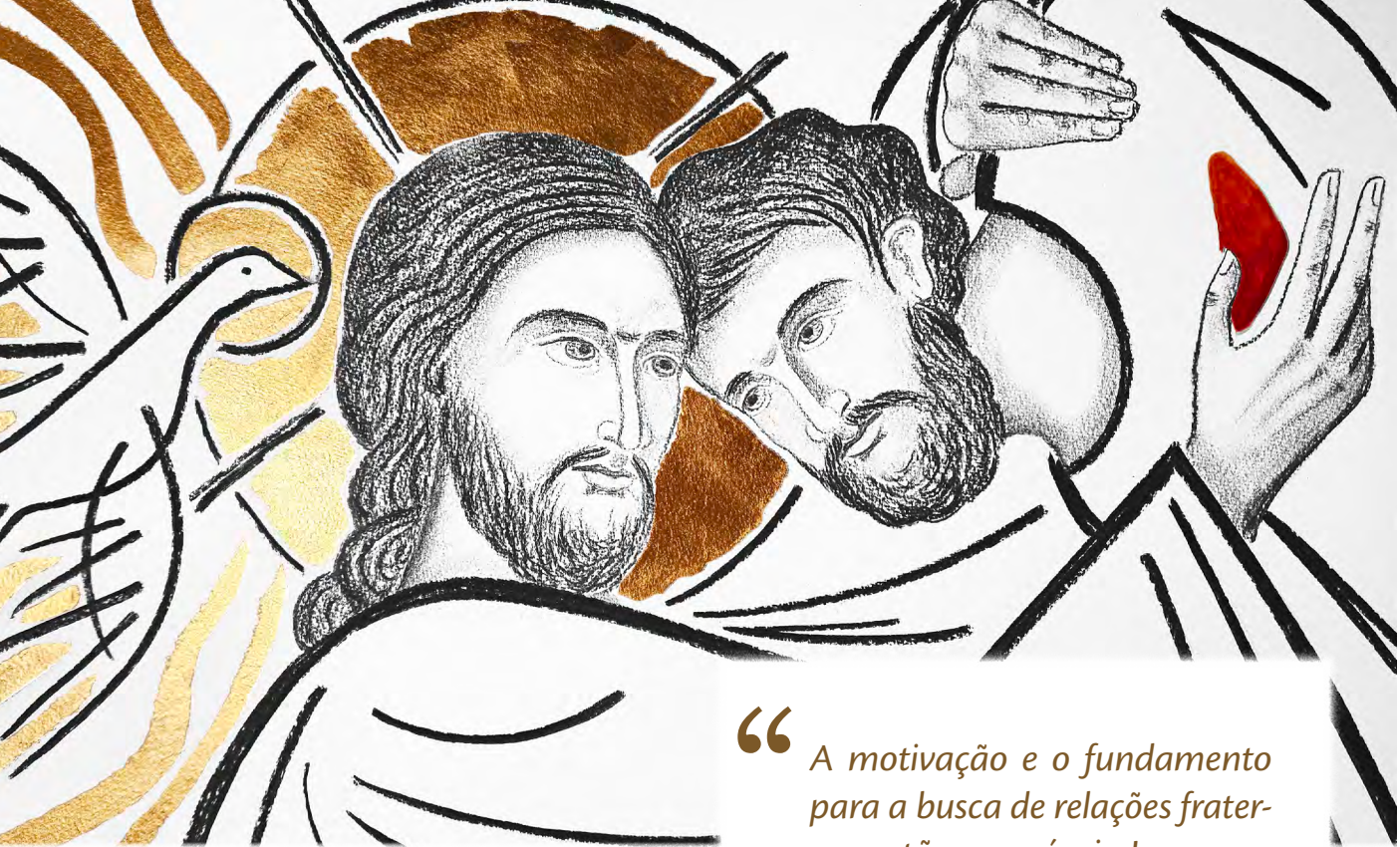


“testar”, “examinar”, “provar”, “verificar” se algo é genuíno ou não, tal como se faz com os metais, para distinguir entre os preciosos e os comuns. O discernimento, portanto, envolve a provação, a experiência, e é interessante que Paulo enfatiza o papel dos sujeitos, ao usar uma construção pleonástica; literalmente, “para o discernir vosso”, como ação contínua. Em Rm 1,28, falando dos gentios, Paulo afirma que, por “*não terem julgado bom (não terem discernido)* ter o conhecimento de Deus, Deus os entregou a uma mente *reprovada* (ou *incapaz, sem valor*), para fazerem coisas que não convêm”. Alguns versículos adiante, debatendo com um interlocutor fictício (um prosélito, que se fazia chamar de judeu), Paulo questiona o fato de este simpatizante das tradições judaicas afirmar “conhecer a vontade de Deus e *distinguir* o que vale, sendo instruído pela Lei” (Rm 2,18), mas na prática acabar contradizendo isso com a própria conduta.

O discernimento da vontade de Deus, para os seguidores de Jesus, envolve, afinal, o risco das tentativas e erros, próprio de quem deseja crescer e aprender como sujeito ativo e consciente, na linha do que o próprio Paulo expressa em sua máxima: “Examinai tudo e ficai com o que é bom” (1Ts 5,21). Daí falarmos de uma ética do discernimento em Paulo, e não de uma ética de simples preceitos e regras dadas. A capacidade mental de discernir pessoal e comunitariamente direciona ao conhecimento do verdadeiro Deus (cf. Rm 1,28) e de sua vontade (cf. Rm 12,2), por meio da abertura de cada fiel e das comunidades à ação do Espírito – abertura que permite a constante transformação pela renovação da mentalidade no tempo presente, em vista do retorno do Senhor (como vemos nos textos de Fl 1,10 e 1Ts 5,21). Trata-se, portanto, de compreender as coisas, mas sobretudo de compreendê-las corretamente, segundo a vida nova do Espírito.

A ética paulina é, de algum modo, ilustrada pelas exortações de Paulo em Rm 12-15 e por sua estratégia de exortação. Começando por exortações ou máximas gerais (sobre as quais ninguém estaria em desacordo), como a busca do bem e a rejeição do mal, o amor fraterno etc. (12,10-16a), Paulo passa a exortações do tipo “proibição”, recorrendo à Escritura (12,16b-21), instrui a respeito da obediência às autoridades (talvez em tom de ironia, usando lugares-comuns) e do temor devido a Deus (13,1-7), resume 13,1-7 à luz de 12,9 (13,8-10), dá a motivação escatológica para 12,9-13,10 e introduz 14,1-15,13. Somente ao final (14,1-23) ele vai enfrentar aquela que, provavelmente, era a questão mais séria da/s comunidade/s dos seguidores de Jesus em Roma, a saber, os conflitos envolvendo costumes judaicos e romanos relacionados a alimentos e observância de dias e festas. Aí Paulo insiste na acolhida mútua, no respeito às convicções alheias e aos mais fracos, na importância de discernir o que edifica a comunidade, na consciência de que “o Reinado de Deus não é (questão de) comida nem bebida, e sim justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (14,17). A motivação e o fundamento para a busca de relações fraternas estão no próprio Jesus, que se fez servidor e de quem a comunidade é chamada a assumir os mesmos sentimentos (15,1-13). A estratégia paulina, desse modo, orienta-se para a tomada de consciência a partir do mais fácil para o mais difícil. Valorizar o que une e sobre o que não existe divergência fortalece a comunidade e, de algum modo, capacita-a para enfrentar os problemas mais sérios, como as divisões, a falta de solidariedade e de acolhida a quem pensa diferentemente.

A ética do discernimento implica, essencialmente, a capacidade humana de aprender com as próprias experiências e, no caso dos cristãos, tudo examinar no cadinho dos princípios que estão no substrato do Evangelho.



Concretamente, na Roma do século I, falando de um culto racional, Paulo não ordenava autoritariamente, mas exortava para convencer, apresentando razões e fundamentos. O culto às divindades que devia ser abandonado pode soar, para nossa sensibilidade moderna de respeito à diversidade religiosa, um desrespeito e uma contradição de Paulo, quando ele mesmo exortava ao respeito pelas diferenças de convicção. Não podemos, porém, retroprojetar em Paulo as sensibilidades atuais e pretender que ele fosse outro tipo de judeu, senão aquele transformado pelo encontro com o Ressuscitado, um judeu comissionado como apóstolo para preparar as nações como única oferenda agradável ao Deus de Israel. Mesmo porque a questão ia além e envolvia a consciência crítica dos seguidores de Jesus a respeito, por exemplo, da *pax et iustitia* (“paz e justiça”) propagandeadas pelo Império Romano (com os ritos domésticos e de Estado que alimentavam essa propaganda), as quais não podiam absolutamente ser confundidas com a paz e a segurança, a justiça e a fidelidade (Rm 1,17) do Deus de Jesus.

“ A motivação e o fundamento para a busca de relações fraternas estão no próprio Jesus, que se fez servidor e de quem a comunidade é chamada a assumir os mesmos sentimentos. ”

CONCLUSÃO

O culto racional era a oferta concreta da existência vivida em busca de corpos vivos e mentes inconformadas, capazes de discernir a paz e a justiça do Deus de Jesus num império marcado por guerras e mortes, com o imperador apresentando-se como o garantidor da verdadeira paz e justiça e recebendo culto. Discernir a vontade divina permanecerá sempre um desafio para os cristãos e para todos os que buscam a Deus, ainda mais nestes tempos de *fake news* e de “injustiça que sufoca a verdade” (Rm 1,18). É na busca, no discernimento ético que leva à ação, enfim, que vamos descobrindo nosso papel neste mundo, para ajudar a diminuir o sofrimento de tantos corpos injustiçados, assim como vislumbrar algum protagonismo autêntico para tantas mentes ditas “cristãs”, mas abduzidas do Evangelho. Não seria a fé (ou a fidelidade), afinal, a certeza compartilhada



pelos que se deixam transformar ética e criticamente em relação a toda moralidade contrária ao dinamismo transformador do Evangelho de Jesus?

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAY, E. *The social significance of the sacralized body in the epistle to the Romans*: pauline subversion of cultural constructions of human worth. Otago: University of Otago, 2016.

DI MARCO, L. *L'offerta di sè a Dio*: indagine esegetico-teologica su Rm 12,1-2. Trapani: Il Pozzo di Giacobbe, 2011.

ELLIOTT, N. *A arrogância das nações*: a carta aos Romanos à sombra do império. São Paulo: Paulus, 2010.

GUERRA, D. D. O culto ao imperador romano: coesões e contraposições na esfera dos cristianismos originários no século I. *Vox Faifae*, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 1-16, 2013.

HORSLEY, R. A. (Ed.). *Paulo e o império*: religião e poder na sociedade imperial romana. São Paulo: Paulus, 2004.

MARCATO, M. *Qual è la volontà di Dio? (Rm 12,2b)*: il discernimento cristiano nella lettera ai Romani. Bologna: EDB, 2012.

MORTENSEN, J. P. B. *Paul among the gentiles*: a “radical” reading of Romans. Tübingen: Narr Francke Attempto, 2018.

MUNZINGER, A. *Discerning the spirits*: theological and ethical hermeneutics in Paul. New York: Cambridge University Press, 2007.

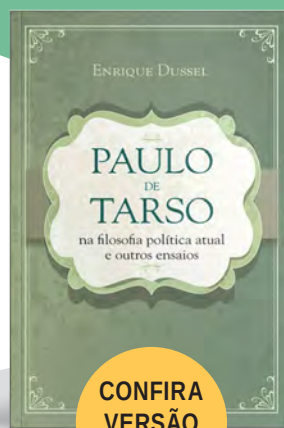
PETERSON, D. Worship and ethics in Romans 12. *Tyndale Bulletin*, Cambridge, v. 44, n. 2, p. 299-328, 1993.

ROSA, C. B. da. A religião na Urbs. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (Ed.). *Repensando o Império Romano*: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: Edufes, 2006. p. 137-159.

THERRIEN, G. *Le discernement dans les écrits pauliniens*. Paris: Gabalda, 1973.

PAULO DE TARSO NA FILOSOFIA POLÍTICA ATUAL E OUTROS ENSAIOS

Enrique Dussel



O livro explora temas filosóficos atuais, questiona tabus e resgata a origem da cultura ocidental além da tradição helênica e romana. Propõe uma revisão da história e da metodologia filosófica e integra aspectos religiosos e teológicos antes negligenciados.



ADQUIRA
JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Maicon Malacarne*



ACESSE TAMBÉM O PROGRAMA
PALAVRA VIVA PELO CÓDIGO QR
AO LADO.



Setembro

Os cantos das celebrações, bem como as respectivas indicações de autoria e as partituras, podem ser acessados por meio dos códigos QR ao lado. Ouça os álbuns da Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.



Outubro

23º DOMINGO DO TEMPO COMUM

7 de setembro

Perder tudo para ganhar tudo: a sabedoria de Deus!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia da Palavra deste 23º domingo do Tempo Comum – dia da Independência do Brasil – põe no centro o discipulado de Jesus e as exigências que configuram um novo modo de ser no mundo. Jesus convida ao desapego e chama a “carregar a cruz”, atitudes que devem ser enraizadas no Evangelho, com o discernimento do homem que quer construir uma torre e do rei que sai para guerrear contra o inimigo. O discipulado não pode ser compreendido como o cumprimento de normas exteriores, uma lista de códigos, mas deve ser aprofundado naquilo que a primeira leitura chama de “sabedoria divina”. Tal sabedoria é testemunhada na segunda leitura, em que a intercessão de Paulo em favor de um escravo fugitivo, Onésimo, guarda o pedido para que o cristão Filêmon, o dono do escravo, o acolha “não mais como escravo, mas como irmão querido”. Essa novidade relacional só pode ser alcançada à luz da sabedoria “do alto”.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 9,13-18)

Estamos diante de uma oração de súplica por sabedoria! Uma dimensão da sabedoria é aquela dos livros, das pesquisas e dos métodos científicos – que é muito importante e devemos aprofundar para participar do ato criador de Deus. Outra dimensão, no entanto, é a sabedoria que é fruto da graça de Deus. Esta não se aprende nas noções e códigos técnicos, mas com base em profunda comunhão com o Senhor: “Qual é o homem que pode conhecer os desígnios de Deus? Ou quem pode imaginar o desígnio do Senhor?” (v. 13).

Diante dos inúmeros acontecimentos de cada dia, muitas respostas podem ser encontradas na sabedoria humana, na leitura de dados, mas o “passo a mais”, a “compreensão profunda”, é fruto do discernimento da graça, que não envolve um esforço pessoal, uma conquista individual, senão que a abertura àquilo que o Senhor capacita cada pessoa para viver, no amor.

Nossos dias são marcados, por exemplo, pela urgência climática, por tragédias de dias muito quentes e de tempestades nunca vistas, resultantes do aquecimento global e do efeito estufa. A ciência consegue oferecer respostas razoáveis sobre esses acontecimentos.

*Maicon André Malacarne é presbítero da diocese de Erechim, pároco da paróquia São Cristóvão, em Erechim, e professor de Teologia Moral na Tepa Faculdades. Mestre e doutorando em Teologia Moral pela Pontifícia Academia Alfonsiana – Roma.

O autor do livro da Sabedoria propõe – além disso – aprofundar todas as realidades à luz do “pensamento de Deus” (v. 14). Não se trata de contrapor uma sabedoria a outra, mas sim de buscar a comunhão mais profunda entre a sabedoria humana e a sabedoria divina, porque “só assim se tornaram retos os caminhos dos que estão na terra, e os homens aprenderam o que te agrada e pela Sabedoria foram salvos” (v. 18).

2. II leitura (Fm 9b-10.12-17)

A carta a Filêmon é um pequeno bilhete de poucas linhas em que Paulo se dirige a esse amigo pedindo por Onésimo, um escravo de Filêmon que havia fugido e foi convertido pelo anúncio de Paulo, na prisão. A carta é muito afetiva e encontra seu ponto alto nos v. 15-16: “Se ele te foi retirado por algum tempo, talvez seja para que o tenhas de volta para sempre, já não como escravo, mas, muito mais do que isso, como um irmão querido”.

De fato, um patrão tinha o domínio total sobre seu escravo. No caso de um escravo fugitivo, o patrão poderia vingar-se de diferentes formas. O pedido do apóstolo é para que Onésimo seja acolhido já não como escravo, mas como “irmão querido”. Aqui está o coração do Evangelho anunciado pela vida de Paulo. A abolição da escravatura, para um seguidor de Jesus, deve ser mais do que a promulgação de uma lei exterior e abranger a busca contínua e profunda pela fraternidade entre todas as pessoas.

A vida nova dos batizados põe em evidência não a divisão entre patrões e escravos, mas um estilo de vida cujo ápice é o amor, traduzido em respeito e reciprocidade. Na carta aos Gálatas, Paulo traduziu o mesmo amor com outras palavras: “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus” (3,28).

A GRANDE ESPERANÇA

Textos escolhidos
sobre escatologia

Joseph Ratzinger
Rudy Albino de Assunção (org.)



O livro de Joseph Ratzinger reafirma a escatologia como expressão da fé na ressurreição e na vida eterna. Destaca a esperança cristã no Paraíso e na comunhão eterna com Deus.



ADQUIRA
JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

3. Evangelho (Lc 14,25-33)

As grandes multidões que seguiam Jesus – às vezes, como hoje, por motivos duvidosos – são desafiadas a aprofundar o significado do discipulado ou, à luz da primeira leitura, a sabedoria do discipulado, a qual jamais pode ser confundida com a busca de desejos pessoais, mas leva a pessoa a configurar um novo estilo de vida, segundo o Evangelho.

A primeira condição apresentada por Jesus é o desapego (v. 26). Desapegar-se não é esquecer, um “deixar pra lá” sem fundamento. Desapegar-se é discernir entre o que é prioritário e secundário, é a atenção com os pesos e medidas da vida. Jesus estabeleceu esse critério não como desatenção ao pai, à mãe, à mulher e aos filhos, mas como proposta para viver todas as relações à luz do mistério do discipulado: perder tudo para ganhar tudo! Gosto muito de rezar o desapego com as palavras do poeta Charles Péguy: “Fazei com que o vosso exame de consciência seja como o limpar os sapatos: não aconteça que leveis continuamente convosco a lama ou a recordação da lama no vosso caminho”. A lama e a recordação da lama são pesos que não precisamos carregar!

O seguimento de Jesus exige ainda outra condição: carregar a cruz (v. 27). Não se trata de um elogio ao heroísmo do discípulo, nem mesmo de aplausos aos sofrimentos: “carregar a cruz” é convite para viver o cotidiano com suas exigências, com suas medidas, que nem sempre são fáceis. Quando ouvimos falar de cruz, já imaginamos morte, tragédia. Jesus ajuda a compreender outra dimensão da cruz, que é aquela do dia a dia, da repetição, dos sofrimentos a que todos estamos sujeitos no cansaço, na convivência com as pessoas, nas crises familiares, nos limites humanos, na falta de paciência, nos fracassos. São as cruzes de “cada dia”, que devem nos mobilizar para encontrarmos a bússola indicativa da liberdade, da esperança, da vida nova. Pela cruz experimentamos a solidariedade.

Descobrimos, na cruz, que ninguém sofre sozinho e que as cruzes ficam mais brandas quando repartidas.

As imagens da construção de uma torre (v. 28-30) e do rei que sai para guerrear (v. 31-32) ajudam a compor o cenário das exigências do discipulado. Trata-se de “planejar”, de “construir”, de “elaborar planos” condizentes com o coração de Deus! A sabedoria humana deve ser cumulada na sabedoria do amor que torna o discipulado uma esperança de vida nova para todas as pessoas. Renunciar a tudo, perder tudo, viver da pobreza de coração é ganhar tudo, de um jeito muito maior.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O poeta Rainer Maria Rilke diz que “amar é durar”. Nestes nossos tempos absorvidos pela “liquidez”, em que tudo “escorre pelas mãos”, escolher firmemente o “durar” é amadurecer um caminho mais lento, observar com maior atenção, respirar com maior leveza, tratar os outros com maior gentileza, ativar sensações que a velocidade não permite e processos coletivos que o egoísmo quer bloquear. A “sabedoria de Deus” exige uma vida nova, um estilo que é desconcertante aos olhos do mundo e que sobrevive de fraternidade – relacionamentos novos fundados no amor. Ser discípulo/a de Jesus Cristo, mais do que nunca, é testemunhar radicalmente, com a própria vida, um mundo diferente, enfrentando os desafios e, em meio a eles, ativando máquinas de esperança, doadoras de um novo sentido da vida!

EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

14 de setembro

A cruz: paradoxo e mistério do amor!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A cruz é uma escola. A festa deste domingo, Exaltação da Santa Cruz, não constitui um elogio ao sofrimento, não consiste em

aplausos à dor, mas aponta para a capacidade de encontrar, no mais contraditório dos sinais, o amor exagerado, o amor que transborda, o amor capaz de dar a vida. Não existe amor sem cruz! Na escola da cruz, a disciplina fundamental é o amor.

A liturgia da Palavra nos conduz por um itinerário de descoberta do aprendizado da cruz. O livro dos Números, com base no episódio da serpente de bronze, convida-nos a “contemplanar o alto”. Esse mistério só pode ser alcançado, conforme a sabedoria do hino da carta aos Filipenses, da segunda leitura, por meio do movimento sagrado de “abaixamento-levantamento”. O mistério da cruz encontra sentido à luz da revelação do Evangelho de João: “como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja levantado”. A Exaltação da Cruz é o reconhecimento de um amor inesgotável que pode ser experimentado com os olhos fixos em Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Nm 21,4b-9)

O episódio narrado na primeira leitura acontece no deserto, na caminhada de libertação do povo de Deus, sob a liderança de Moisés. A caminhada era difícil e reunia todas as contradições que a escolha por autonomia implica. O povo estava libertando-se da escravidão egípcia: havia cansaço, desânimo, murmuração, vontade de retornar... Tudo ganha maior peso com o aparecimento de serpentes venenosas, que mordiam e matavam as pessoas.

A súplica de Moisés pelo povo, para que o Senhor Deus os livre daquelas terríveis serpentes, vem seguida de um pedido do próprio Deus: “Faze uma serpente de bronze e coloca-a como sinal sobre uma haste; aquele que for mordido e olhar para ela viverá” (v. 8). Mais do que propor a criação de um amuleto, o pedido tem uma carga

A IGREJA CORPO DE CRISTO

Síntese da eclesiologia
de Santo Agostinho

Pe. Charles Lamartine



CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

O livro analisa a atuação de Santo Agostinho contra o donatismo, destaca sua contribuição teológica para a compreensão da Igreja como Corpo de Cristo e sua reflexão sobre as propriedades essenciais da Igreja.



ADQUIRA
JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

pedagógica profunda: trata-se de direcionar o olhar para o Senhor; trata-se de olhar “para cima”, gesto teológico que conclama o povo a não esquecer que Deus caminha com eles, está junto deles, não obstante as tragédias da peregrinação da vida.

Não olhe para cima é um filme de 2021 que ajuda a meditar esse texto bonito do livro dos Números! Nos Estados Unidos, dois astrônomos descobrem que um meteorito destruirá a Terra em poucos meses. Tentam avisar as autoridades, mas ninguém quer ouvir. Quando as evidências se tornam mais reais, as mesmas autoridades decidem que “ninguém deve olhar para cima” e buscam, até o fim, negar a ameaça. “Olhar para cima” é sempre um ato corajoso e libertador!

2. II leitura (Fl 2,6-11)

Se Moisés construiu uma serpente de bronze e convidou o povo a “erguer o olhar”, a carta de Paulo aos Filipenses nos ajuda a refletir, com base no hino da segunda leitura, que não há um “levantar-se” sem um necessário “abaixar-se”. No mistério da encarnação de Jesus Cristo, aprendemos sobre o paradoxo abaixamento-exaltação. Buscar a salvação no alto não significa nos afastarmos da realidade, mas o contrário: quanto mais firmes estamos no “chão da vida”, mais conseguimos expandir o olhar na direção do céu.

Aprendemos tudo isso de Jesus. De fato, o hino se inicia destacando que, não obstante sua condição divina, “ele esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e tornando-se igual aos homens. Encontrado com aspecto humano, humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz” (v. 7-8). A humanidade não é um problema; humanizar é o caminho necessário. A cruz é o maior exemplo desse abaixamento de Jesus, a radicalidade da contradição.

Assumir a condição humana é a porta de entrada para a segunda fase do hino: “Deus

o exaltou acima de tudo e lhe deu o Nome que está acima de todo nome” (v. 9). Jesus é o Senhor de todas as coisas! Assumindo em tudo a humanidade, ele a conduz à divinização. Humanidade e divindade já não estão separadas, mas em Jesus Cristo alcançam o ponto de encontro e, na cruz, o ápice da doação total da vida.

3. Evangelho (Jo 3,13-17)

O Evangelho de João guarda esse encontro profundo e “noturno” entre Jesus e Nicodemos. O texto sublinha que o primeiro encontro entre eles aconteceu “à noite” (3,2). Mais tarde, depois da crucificação de Jesus, Nicodemos apareceu ao lado de José de Arimateia carregando o corpo de Jesus da cruz para a sepultura (19,38-42). Antes disso, no meio das trocas de acusações sobre Jesus, Nicodemos o defendia entre os importantes do templo (9,50).

Nicodemos fez da sua vida uma procura por Jesus! O discernimento aponta na direção de uma vida nova, da abertura ao convite para “nascer de novo”, de um excesso do bem na realidade de cada dia. O novo nascimento é batismal e pascal; ou seja, é sempre maior do que aquilo que podemos enxergar, é sempre marcado pelo mistério, gerado no ventre amoroso do Pai e amadurecido na consciência dos territórios das sombras.

O trecho do Evangelho acena diretamente à primeira leitura. De fato, Jesus diz a Nicodemos: “Do mesmo modo como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja levantado, para que todos os que nele crerem tenham a vida eterna” (v. 14-15). O paralelo é explícito: a serpente levantada no deserto é o próprio Cristo levantado na cruz. A vida nova que o povo de Deus recebia ao “olhar para o alto” é a vida plena, doada gratuitamente, na cruz: “pois Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que não morra todo o que nele crer, mas tenha a vida eterna” (v. 16).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A festa da Exaltação da Santa Cruz não deve tornar-se um momento de devocionismo abstrato, mas revela o compromisso mais alto e sóbrio em torno do significado da doação total da vida. Nos dias em que esteve conosco, Jesus testemunhou que a forma mais profunda de amar é servir os irmãos e irmãs, um serviço generoso e gratuito, capaz de alcançar até a morte na cruz. Essa capacidade de amar e servir não se manifesta pelo distanciamento do mundo e da realidade, mas na profundidade com que vivemos o cotidiano, na forma pela qual estabelecemos relações, convivemos em família e comunidade, denunciemos as injustiças e ajudamos a construir um mundo mais humano e, portanto, mais divino!

25º DOMINGO DO TEMPO COMUM

21 de setembro

Uma esperteza santa que não engana os pobres

I. INTRODUÇÃO GERAL

A esperteza dos corruptos que se utilizam de todas as oportunidades para enganar os pobres é denunciada pelo profeta Amós. Trata-se de esperteza opressora e egoísta, muito próxima à cultura da corrupção, na qual os que se acham mais espertos aproveitam para alavancar seu bel-prazer. O administrador desonesto do Evangelho, embora paradoxal, conforme afirma Jesus, apresenta pistas de uma esperteza boa, voltada para ajudar os fracos, os endividados que estavam na mão do rico proprietário.

São Paulo ajuda a compreender que a atitude pastoral por excelência é revelar o rosto misericordioso de Deus, que “quer que todos sejam salvos”. No caso dos honestos, a oração é de agradecimento pelo bem que realizam e por seu exemplo de fidelidade. Já no caso dos desonestos, a prece é pela conversão, para

TEOLOGIA SACRAMENTAL

Temas e questões

Mario Florio



O livro é composto de dezoito ensaios, divididos em três partes: a primeira aborda questões metodológicas da ação sacramental, a segunda explora o setenário sacramental de forma original e a última confronta questões abertas na teologia sacramental.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

que, ainda em vida, possam transformar as atitudes corruptas em novas oportunidades de reconciliação e de vida santa.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Am 8,4-7)

A profecia de Amós se situa, conforme o início do livro, no tempo de Ozias, rei de Judá (767-739 a.C.), e de Jeroboão II (782-753 a.C.). Amós era pastor e se dedicava ao cultivo de figueiras. Sua profecia está muito ligada aos problemas reais do povo, especialmente dos mais sofridos. Com voz impetuosa, denuncia as grandes injustiças e fala em nome de Deus: “Ouvi isto, vós que maltratais os humildes e causais a prostração dos pobres da terra” (v. 4).

O trecho da profecia desta celebração elenca algumas das atitudes daqueles que maltratam os pobres: “vender bem a mercadoria”, mas não com justiça; antes, com prontidão para “diminuir medidas, aumentar pesos e adulterar balanças, dominar os pobres com dinheiro” (v. 5-6). A atitude corrupta sempre torna os mais pobres em massa de manobra para os poderosos obterem benefícios. O profeta garante, em nome de Deus, que nenhuma dessas injustiças será deixada de lado: “Nunca mais esquecerei o que eles fizeram” (v. 7).

A sentença de Amós nos recorda que o Senhor é o justo juiz. Não um juiz punitivo e impiedoso, como nosso imaginário pode construir, mas juiz com espírito de verdadeira justiça, que provoca itinerários de conversão, de transformação dos estilos de vida. Nosso tempo, também marcado por inúmeras corrupções e falcaturas, precisa ser iluminado pela justiça de Deus e, acolhendo a oportunidade e o convite deste ano santo jubilar, buscar caminhos de transformação das pequenas e grandes injustiças que fazem parte da nossa vida.

2. II leitura (1Tm 2,1-8)

Se o profeta Amós, denunciando as injustiças do seu tempo, convida à conversão, a primeira carta de Paulo a Timóteo nos apresenta a universalidade do amor de Deus: “ele quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (v. 4). A Boa Notícia de Jesus não é seletiva ou exclusiva. O papa Francisco sempre insiste que a Igreja, o perdão, a acolhida devem ser para “todos, todos, todos...”. De fato, é interessante ficarmos atentos a quantas vezes a leitura repete a palavra “todos”. Deus salva a todos, mas é preciso assumir um estilo de vida em que haja coerência entre o que somos e o que Deus sonha em nós.

Uma atenção especial é sugerida por Paulo para a oração universal: “Antes de tudo, recomendo que se façam preces e orações, súplicas e ações de graças” (v. 1). A oração deve ser como um reflexo da vida, sem dissonâncias entre o que vivo e o que rezo. Muito além de consistir somente em palavras exteriores, a oração é o mergulho no amor de Deus, para que Ele possa crescer em nossa vida e santificá-la: “façam a oração, erguendo mãos santas, sem ira e sem discussões” (v. 8). Nesse sentido, o desafio maior não é a quantidade de orações, mas sim tornar a vida uma oração.

A oração precisa atravessar aquilo que somos, todas as nossas relações! Em cada pessoa, a oração pode assumir uma perspectiva particular: rezar é aprender a viver mais pacientemente; rezar é alargar o coração; rezar é estender mais a mão e partilhar; rezar é silenciar; rezar é aprender a esperar; rezar é discernir a vontade de Deus; rezar é reconciliar(-se), aceitar um pedido de perdão!

3. Evangelho (Lc 16,1-13)

Um administrador desonesto é elogiado por Jesus. Trata-se da parábola do administrador que esbanjava os bens de um homem rico. Ao ser descoberto, buscou logo uma

forma de “fazer amigos”, ou seja, estabelecer vínculos com os que tinham dívidas com o patrão: ao que devia cem barris de óleo, disse que escrevesse cinquenta (v. 6); ao que devia cem medidas de trigo, disse que escrevesse oitenta (v. 7). “Ele agiu com esperteza” (v. 8), disse Jesus.

A esperteza que Jesus menciona não é a esperteza fundamentada na enganação, no suborno, mas na possibilidade de “fazer amigos com o dinheiro injusto” (v. 9). É a relação que pode salvar a possível demissão do administrador. No fundo, trata-se do “resto” de misericórdia que a esperteza foi capaz de ativar. De fato, disse Jesus, “os filhos deste mundo são mais espertos nos negócios que os filhos da luz” (v. 8). Aprender da esperteza desse administrador significa intensificar a experiência das relações de fraternidade, avançar na capacidade de “dividir pela metade”, facilitar o pagamento da dívida, fazer que uma família possa dormir tranquila porque terá alguns barris de óleo e algumas medidas de farinha a mais para sobreviver.

A honestidade na administração dos bens está na possibilidade e na “esperteza” de encontrar estradas para viver a administração da misericórdia, a administração do amor. O que o Evangelho propõe é uma reviravolta no estilo de vida cristão, uma verdadeira conversão dos nossos hábitos, entre os quais pode figurar a esperteza para fazer o mal. São Bento, ao escrever sua Regra, de fato, disse que nenhum monge deveria esquecer uma verdade fundamental: “Prometa a conversão dos seus costumes” (58,17).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Christoph Theobald, um dos grandes teólogos contemporâneos, sugere pensar o cristianismo como um “estilo” em que o conteúdo da vida e a forma com que se vive estão bem conectados. Trata-se de contínuo esforço de equacionar fé e vida como um estilo que perpassa todos os nossos dias.

DEUS NO ESPAÇO PÚBLICO

Escritos sobre Europa, política, economia e cultura

Joseph Ratzinger
Rudy Albino de Assunção (org.)



Joseph Ratzinger, durante seu tempo como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, abordou não só temas eclesiais, mas também questões políticas, econômicas e culturais. Sua reflexão iluminou os desafios enfrentados pelo mundo, especialmente na Europa.



ADQUIRA
JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

A liturgia da Palavra, de fato, convida-nos a transformar nossas perversões, que desumanizam aquilo que somos. Uma das sensações da corrupção é a alegria de tirar proveito da pequenez do outro; no entanto, essa sensação corrupta machuca ainda mais a nós mesmos, aquilo que somos, desvirtua nossa vocação para fazer o que é certo, além de aumentar os cenários de injustiça. Não podemos assumir o estilo de vida de um/a seguidor/a de Jesus se não adequarmos a “esperteza” à construção e ao anúncio do Reino de Deus. Se estamos distantes disso, precisamos acolher novamente o convite à salvação que se perdeu na dureza do coração.

26º DOMINGO DO TEMPO COMUM

28 de setembro

Com Jesus, diminuir os abismos da humanidade

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste 26º domingo do Tempo Comum, o Evangelho nos apresenta a parábola de Lázaro e do homem rico. Jesus desafia os fariseus a construir novas relações – em primeiro lugar, entre as pessoas e, depois, com os bens da terra. Atentar para o abismo que “separa” os dois personagens principais é fundamental para compreender que a Boa Notícia de Jesus não é um código moral, um conjunto de normas, senão que o esforço cotidiano de diminuir as distâncias e viver nova fraternidade. O profeta Amós e a carta de Paulo a Timóteo iluminam este grande convite de Jesus: perceber as grandes injustiças, denunciá-las e dar um testemunho exigente de fidelidade, que dá sentido real à vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Am 6,1a.4-7)

No último domingo, o profeta Amós fez uma denúncia contra os comerciantes que

enganavam o povo da época por meio de diferentes formas de corrupção. O mesmo profeta denuncia, neste domingo, outro grupo bem específico: “Ai dos que vivem despreocupadamente em Sião, os que se sentem seguros nas alturas de Samaria!” (v. 1). Trata-se dos chefes políticos, dos aristocratas, dos grandes poderosos que viviam em seus palácios, distantes, e submetiam o povo a grandes sofrimentos.

Amós descreve a vida suntuosa deles em suas residências, suas festas, suas comidas e bebidas, a ostentação da riqueza à custa do trabalho dos pobres. Diante dessa injustiça, o profeta anuncia o juízo de Deus, que não permanece indiferente: “eles irão agora para o desterro, na primeira fila, e o bando dos gozadores será desfeito” (v. 7).

De fato, anos mais tarde, em 722 a.C., os assírios invadiram e destruíram a Samaria, mataram e dispersaram os habitantes. Cumpriu-se a palavra do profeta. A denúncia é sempre um grande farol para refletir sobre nosso estilo de vida. Os bens, o luxo, a ostentação são sempre perigosos e criam a falsa imagem de imortalidade. Nossa vida espiritual, que conduz o itinerário dos nossos dias, deve ser orientada para uma vida modesta, justa, solidária e amorosa, conforme indica a liturgia da Palavra deste domingo.

2. II leitura (1Tm 6,11-16)

Na parte conclusiva da primeira carta de Paulo a Timóteo, encontramos o grande convite ao testemunho da fé. Testemunhar significa acolher a Boa Notícia de Jesus e comunicá-la ao mundo, especialmente por meio da forma de vida, das palavras e das ações de cada dia.

O testemunho fiel de um seguidor de Jesus, destaca Paulo, desenvolve-se em várias direções: sabe discernir as falsas mensagens das verdadeiras, amadurecer a diferença entre aparências e realidade, “procura a justiça, a piedade, a fé, o amor, a firmeza, a mansidão”

(v. 11). Não é uma tarefa fácil! A referência de tudo é Jesus Cristo: “Diante de Deus, que dá a vida a todas as coisas, e de Cristo Jesus, que deu o bom testemunho da verdade” (v. 13). Jesus é a primeira testemunha de fidelidade até a cruz, até o fim!

Pelo batismo, fomos introduzidos à vida em Cristo, e a vida batismal nos desafia para o compromisso de viver as virtudes e o discernimento que Paulo solicitou a Timóteo, bispo de Éfeso, e, conseqüentemente, a todas as lideranças comunitárias. Trata-se de assumir a vida de batizados, sendo fiéis ao Evangelho de Jesus Cristo, testemunhando essa fidelidade firmados no bem, sem corromper ou instrumentalizar a mensagem salvadora e libertadora do Senhor.

3. Evangelho (Lc 16,19-31)

O Evangelho deste domingo desenha um quadro muito desafiador. Jesus conta uma parábola aos fariseus (v. 19), falando de um homem muito rico, sem nome, e um homem muito pobre, de nome Lázaro. Para matar a fome, Lázaro esperava algumas migalhas caírem da mesa do rico, que nunca nem sequer viu o pobre. Ele estava muito preocupado com outras coisas! Os dois, embora com diferenças abissais em vida, dividem o mesmo destino: a morte. A morte é o acontecimento em que todas as diferenças desaparecem! Na morada eterna, Lázaro foi acolhido e o rico padeceu em meio às chamas e ao sofrimento.

A parábola não faz um julgamento moral sobre a riqueza e a pobreza. O sofrimento do rico não foi porque ele era rico e a acolhida de Lázaro não foi porque ele era pobre. O que está em jogo é o “abismo da separação”, é a opção pelo egoísmo, pela distância, pelo fechamento, que contradizem a natureza da criação humana e a força transformadora do Evangelho.

Jesus não contou a parábola para dizer como será a eternidade, na perspectiva única

A EUCARISTIA

Jesus Cristo se faz
alimento para uma
refeição espiritual na Igreja

Luiz Antonio Miranda



Um estudo sobre o sacramento da Eucaristia e um guia espiritual. O autor enfatiza a Eucaristia como alimento vital para o cristão, centralizando a santa missa como evento fundamental da fé.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

da salvação, mas para afirmar um estilo de vida, superando as divisões e estabelecendo relações de proximidade. O julgamento final é a continuidade das nossas escolhas! Quando o rico se deu conta disso, o Evangelho diz que ele “levantou os olhos” (v. 23). O homem rico só tinha olhos na direção da sua riqueza e era cego para alcançar Lázaro; só via a si mesmo, seus problemas e sua mesa cheia.

Na tradição bíblica, quando ajudamos alguém, não estamos fazendo um favor. Para a teologia da criação, tudo é de Deus, e se um irmão ou uma irmã estão sem nada, isso ocorre porque existe o pecado grave da falta de partilha. Por exemplo, o papel da esmola, um dos exercícios quaresmais, é garantir o direito dos pobres e abrir um caminho de construção da justiça e da salvação.

O Evangelho é objetivo: trata-se de diminuir as distâncias, superar os abismos e construir relações saudáveis para retomar o plano criador de Deus e a Boa Notícia anunciada e vivida por Jesus Cristo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A morte é um acontecimento inevitável. Adélia Prado, em uma poesia, chama-a de “minha comadre”. Ela está sempre diante dos nossos olhos, mas a liturgia da Palavra nos recorda que a morte não deve ser pensada apenas como um “depois”, e sim como real continuidade do hoje. O perigo maior é de não viver. Não viver significa gastar a vida com coisas supérfluas, com máscaras, com divisões e separações, com ostentação, com uma vida rasa, sem propósito, que dança conforme o vento. Uma vida perdida. Consigo acolher uma vida que supera os abismos? Uma vida relacional e desapegada tem espaço no meu projeto de vida? De fato, Victor Hugo, no clássico *Os miseráveis*, escreveu: “Morrer não é nada, o mais difícil e mais assustador é não viver!”.

27º DOMINGO DO TEMPO COMUM

5 de outubro

A força vital da fé: dom de Deus para o mundo!

I. INTRODUÇÃO GERAL

O movimento da fé é um dos temas fundamentais da liturgia da Palavra deste 27º domingo do Tempo Comum. O profeta Habacuc ensina a transformar a pergunta das pessoas sofridas em oração confiante a Deus. Essa fidelidade à vida é acolhida com a promessa de um tempo certo para que tudo aconteça: “a resposta virá com certeza e não tardará”. A fé, aqui, é a arte de confiar e de esperar o tempo de Deus se realizar. Mais de seis séculos depois, os apóstolos pediram a Jesus: “Aumenta a nossa fé”. Jesus ensina ser a fé uma força vital transformadora que precisa aumentar os espaços na vida, por meio do serviço generoso do amor. Paulo, a Timóteo, testemunha que a fé é o compromisso de toda liderança, de todo servidor do Evangelho. A fé é dom gratuito e para a gratuidade, não uma honraria, não um mérito, não um merecimento.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Hab 1,2-3; 2,2-4)

“Até quando, Senhor, chamarei e não me ouvis?” (1,2). O livro de Habacuc se inicia com a pergunta sobre o silêncio de Deus. Por que Deus não resolve tudo de uma vez? Qual o porquê do sofrimento? Por que a morte? Não é difícil sermos tomados pelo desconcerto, pela falta de sentido e até mesmo pela descrença.

Esse era o sentimento do povo que se dirigiu ao profeta Habacuc, por volta de 600 a.C., oprimido pelo poder do rei Joaquim, que estava preocupado com os próprios luxos e tinha deixado de lado todo e qualquer resquício de justiça e de misericórdia

com as pessoas. O povo estava desesperado, e o profeta carrega esse “até quando?” como profunda oração a Deus. O profeta tem esta dupla vocação: ser a voz dos mais fracos e comunicar-lhes a voz de Deus.

O profeta, depois de partilhar o desespero do povo e reivindicar a ajuda divina, fica em silêncio e aguarda os sinais de Deus. É importante o movimento de esperar. Essa paciência ativa é iluminada pela imagem do Evangelho de hoje – a força escondida da semente de mostarda, a menor das sementes, que guarda a potência de uma grande árvore.

No tempo oportuno, Deus respondeu a Habacuc, pedindo que registrasse tudo “para que possa ser lido com facilidade” (2,2). A resposta de Deus convida a não desanimar; não será uma resposta imediata ao perverso Joaquim e seus amigos, mas “a resposta virá com certeza e não tardará” (2,3). A forma ideal para manter-se com esperança, com disposição, sem se entregar, é pelo caminho da fé: “o justo viverá por sua fé” (2,4). Deus prometeu e cumpriu: no tempo certo, a justiça vai vencer. Foi a grande mística contemporânea Simone Weil quem escreveu que “as coisas mais importantes do mundo não são para procurar, mas para esperar”.

2. II leitura (2Tm 1,6-8.13-14)

A segunda carta de Paulo a Timóteo recorda que todo ministério – de quem preside a comunidade, de quem assume alguma forma de apostolado – é revestido por uma graça que é maior do que um desejo ou uma disposição pessoal: “Exorto-te a reavivar a chama do dom de Deus” (v. 6). O serviço é sempre uma resposta ao dom e, sendo resposta, entende-se que o servidor é um instrumento da gratuidade de Deus.

A imposição das mãos, a transmissão da fé, é sinal visível de Deus, que transforma as pessoas em testemunhas verdadeiras do Evangelho, testemunho que assume até os limites da doação total da vida. Paulo recorda

CURSO FUNDAMENTAL DA FÉ

Introdução ao conceito de cristianismo

Karl Rahner



Este estudo aborda os conceitos fundamentais do cristianismo, como Deus, Igreja, Jesus Cristo, sacramentos e liberdade, com base na Bíblia e na teologia. Uma obra dirigida a todos os que questionam sobre o sentido da fé em um mundo repleto de problemas e ideologias.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

que ele mesmo, prisioneiro, sofrendo pelo Evangelho, é “fortificado pelo poder de Deus” (v. 8).

A norma por excelência de toda pessoa que assume um ministério é acreditar, é deixar que a semente da fé possa ter espaço na vida cotidiana: “guarda o precioso depósito” (v. 14), lembra Paulo. A fé, de fato, exige fidelidade. Fidelidade que se traduz na espera paciente e ativa, no serviço amoroso aos irmãos e irmãs, na denúncia das injustiças e do poder do antirreino, no testemunho generoso de bom convívio fraterno.

3. Evangelho (Lc 17,5-10)

Estamos no coração do ensinamento de Jesus sobre a misericórdia do Pai. Nos primeiros versículos do capítulo 17, Jesus chamou a atenção dos discípulos sobre o risco dos escândalos (v. 1-2) e sobre a correção fraterna (v. 3-4). O Evangelho deste domingo se inicia com o pedido dos apóstolos: “Aumenta a nossa fé” (v. 5). O discípulo é o seguidor de Jesus chamado a “aprender”, a acolher o ensinamento do Mestre. O apóstolo recebe a missão de levar ao mundo essa mensagem; é um discípulo enviado para anunciar a Boa Notícia de Jesus.

O pedido para “aumentar a fé” indica que a fé não é um conjunto de conteúdos e fórmulas bem organizadas. Ela é um movimento vital, uma força impetuosa, uma experiência verdadeira de Jesus Cristo. “Aumentar a fé” é acolher a profundidade do Evangelho e ter a ousadia de traduzi-lo no espaço e no tempo. Para isso, o apóstolo precisa compreender que não é ele o dono da fé e das verdades, não é ele a fonte de tudo. O apóstolo é um instrumento de Deus e vai compreendendo, passo por passo, que, antes de tudo, há um amor primeiro e que o apostolado não é um ato de heroísmo, senão que uma resposta, uma pequena resposta ao Amor.

Essa força vital da fé é ilustrada por Jesus com a imagem da semente de mostarda:

“Se tivésseis fé do tamanho de um grão de mostarda [...]” (v. 6). A pequena semente parece insignificante, sem sentido, mas, no seu interior, há uma potência invisível, uma força, um movimento transformador. O apóstolo é aquele que descobriu a graça interior de ser chamado e enviado, não porque é a pessoa mais sábia e preparada, mas porque compreendeu (e está sempre compreendendo) que habita nele uma força maior.

A conclusão do Evangelho indica que toda missão apostólica deve carregar uma atitude de humildade, de pequenez, no espírito da semente de mostarda. Não é o apóstolo que deve aparecer, nem mesmo buscar honras e aplausos. O apóstolo é um servidor generoso: “Somos servos inúteis, só fizemos o que devíamos fazer” (v. 10). Os biblistas afirmam que a palavra “inútil” não é bem traduzida. Ninguém é inútil na obra de Deus. Melhor seria se fosse “somos simples servos”, “somos humildes servidores”. Todo trabalho, todo tempo missionário não é uma “utilidade”, mas sim uma gratuidade do amor: amados primeiro, enviados livremente a amar!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A fé não pode ser medida por quantidade, porque é um dinamismo que exige fidelidade e sinceridade com a verdade do coração. Para Jesus, o caminho de quem acolhe a fé é o serviço fraterno. É como se o servidor – que deve tomar consciência de que é portador do dom, não um contratado para trabalhar – possibilitasse aflorar do seu interior a força de vida que o habita. A liturgia da Palavra deste domingo, além de ser oportunidade de celebrar com os irmãos e irmãs em comunidade, propõe a importante reflexão sobre a saúde da nossa fé, sobre a forma como a acolhemos e a traduzimos para o mundo. A Palavra é um mapa que orienta, dinamiza e converte aquilo que precisamos transformar.

12 de outubro

A ação salvadora de Deus é o maior sinal!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste dia, em vez do 28º domingo do Tempo Comum, aqui no Brasil celebramos a solenidade da Bem-aventurada Virgem Maria da Conceição Aparecida, a padroeira do nosso país. O povo brasileiro celebra vivamente a presença da Mãe, tão cuidadosa e amorosa com seus filhos. Desde 1717, a Mãe Aparecida é sinal da atenção de Deus para com nosso povo sofrido.

A liturgia da Palavra desta solenidade se inicia com a história da rainha Ester, que, diante da ameaça ao povo judeu, não se intimidou em desenhar uma estratégia para convencer o rei Assuero a salvar a vida daquela gente. Ester salvou seu povo das mãos do perverso Amã. O livro do Apocalipse, na segunda leitura, apresenta a tensão entre o dragão e a mulher, símbolo da comunidade nascente. A mulher, que acabara de dar à luz, na sua pequenez, é resistente à potência do dragão, porque conta com a força de Deus. Por fim, o Evangelho apresenta o primeiro sinal de Jesus no Evangelho de João. As bodas de Caná têm um “final feliz” por obra da sensibilidade de Maria, que entendeu a necessidade de uma festa tipicamente humana ser envolvida pelo “vinho novo” do seu Filho, Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Est 5,1b-2; 7,2b-3)

“A vida do meu povo – eis o meu desejo” (7,3) é o pedido que brota do coração de Ester, jovem judia que vivia no exílio persa e encontrou graça diante do rei Assuero, o qual se apaixonou por ela e a escolheu

VIDA A PARTIR DA MORTE

Meditações sobre
o mistério pascal

Hans Urs von Balthasar



O autor reflete sobre o mistério da morte, explora o paradoxo humano de buscar o imperecível na transitoriedade. Analisa como o cristianismo oferece uma solução a esse dilema, centrando-se no mistério pascal, na morte e ressurreição de Jesus.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

como esposa. Um homem muito poderoso do reinado, chamado Amã, buscava a todo custo aniquilar o povo judeu e traçou uma estratégia para alcançar esse objetivo. Amã odiava Mardoqueu – que havia criado Ester como filha –, porque este se recusava a ajoelhar-se diante dele.

Ao descobrir as artimanhas de Amã, Ester ficou muito angustiada, por causa do risco que corria seu povo. Ela utilizou, então, da sua beleza, como indica o início da leitura, e se aproximou do rei, que ficou encantado: “olhou para ela com agrado” (5,2). O rei Assuero prometeu dar a Ester o que ela quisesse, “até metade do meu reino” (7,2), ao que a rainha manifestou o pedido pela salvação do povo judeu. Assuero acolheu o pedido de Ester, o povo se salvou, e Amã – cuja artimanha havia sido revelada – foi condenado à morte.

O livro de Ester é uma novela e sempre foi um texto muito querido pelo povo de Israel. Apresenta a força dos pequenos e dos humilhados, e, ao mesmo tempo, mostra como aqueles que organizam maldades e perversões sempre vão esbarrar na força de Deus e na organização dos pobres. Ester, mulher forte, pôs tudo o que tinha a serviço da vida das pessoas. Ela é sinal de beleza, de inteligência, de articulação, atributos que devem sempre estar direcionados ao compromisso com a vida.

2. II leitura (Ap 12,1.5.13a.15-16a)

Uma mulher e um dragão protagonizam a cena deste trecho do livro do Apocalipse. De um lado, a fragilidade e a pequenez da mulher, que acabara de dar à luz; de outro, a potência e a grandiosidade do dragão, que utiliza sua força para destruir e perseguir.

O autor do livro do Apocalipse, pelo fim do primeiro século, descreve as situações que as primeiras comunidades cristãs da Ásia Menor estavam vivendo. O cenário é desolador; muitos estavam sendo perseguidos,

aniquilados, destruídos pela força do Império Romano. O dragão/serpente é o símbolo desse mal, da força que trabalha na contramão de Deus. A força do mal, no entanto, não consegue ter a palavra definitiva, porque é o menino – o Cristo – “que deve reger todas as nações pagãs com cetro de ferro” (v. 5).

A mulher é sinal da comunidade cristã. É verdade que a imagem descrita – “uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas” (v. 1) – pode logo ser relacionada a Maria, porém o texto do Apocalipse põe em relevo a força das pequenas comunidades, que devem vencer a tentação do medo e confiar que Deus está ao seu lado: “a terra, porém, acudiu a mulher” (v. 16).

3. Evangelho (Jo 2,1-11)

O Evangelho de João diz que Jesus realizou sinais. Prefere empregar essa linguagem a falar em “milagres”. Os sinais apontam para uma dimensão maior do que aquilo que se pode ver. O Evangelho desta solenidade de Nossa Senhora apresenta, em Caná da Galileia, o primeiro sinal de Jesus. Serão, ao todo, sete.

O sinal foi realizado durante uma festa de casamento em que também estavam presentes a Mãe de Jesus e os discípulos (v.2). Aconteceu que, durante a festa, o vinho terminou. Uma festa sem vinho era uma festa fracassada. Maria logo percebeu e foi dizer a Jesus: “Eles não têm mais vinho” (v. 3). A festa de casamento (imagem da comunidade humana) que não tem mais vinho (imagem da alegria) indica o cenário de uma humanidade que perdeu a esperança, que perdeu o sentido da vida. Havia muita força contrária à felicidade das pessoas. A sensibilidade de Maria, por sua vez, foi muito genuína e forte. A Mãe de Jesus percebeu que o povo estava necessitado de um “vinho novo”, de um vinho “muito melhor” do que aquele que se bebia, e, para que fosse possível suprir essa carência, ela

também indicou o caminho: “Fazei o que ele vos disser” (v. 5).

Não foi o mestre-sala – o responsável pela festa – quem “resolveu” a falta de vinho. Maria entendeu que aquela situação precisava da intervenção de Jesus. Outro detalhe evidencia a causa da “falta de alegria” das pessoas: havia seis talhas no pátio do local onde acontecia a festa (v. 6). As talhas de água eram para a purificação, um gesto piedoso de pessoas que queriam ficar “puras” diante de Deus. As talhas estavam vazias, e Jesus transforma aquelas talhas de água em talhas de vinho. O ritualismo exterior não estava ajudando as pessoas a viver felizes. As talhas precisam de Jesus, os ritos precisam de Jesus, uma pretensa pureza sem Jesus não faz sentido. É ele o vinho novo, a vida nova!

Os pescadores João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia, em 1717, no rio Paraíba do Sul, fizeram a experiência da presença e da sensibilidade de Maria, a Mãe Aparecida, no meio da angústia da pesca. A mesma Mãe que está sempre muito atenta às necessidades dos filhos. “Eles não têm mais vinho”, “eles não têm mais alegria”, “eles não têm mais esperança” constituem a prece simples de Nossa Senhora, que sabe, por primeiro, que nossas “talhas” precisam de Jesus, o “vinho novo” da nossa humanidade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O dia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida nos insere na festa de Caná da Galileia, naquele “terceiro dia”. Nós nascemos para ressuscitar, e a ressurreição é a graça das “talhas cheias de vinho”, símbolo maior da alegria e do amor! Esta é a festa que a presença de Maria torna possível: nossos vazios, nossos silêncios, nossa pequenez são assumidos na direção de Jesus. “Fazei tudo o que ele disser” são as primeiras e as últimas palavras de Maria no Evangelho de João. Todas as nossas palavras devem servir para aproximar nossa humanidade do coração amoroso do Senhor!

O CONTEXTO LITÚRGICO-SACRAMENTAL DA IGREJA EM SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Washington Paranhos, sj



Este livro oferece uma visão panorâmica da história litúrgica e sacramental, ampliando a análise para a liturgia latina e os sacramentos como um todo. A originalidade do trabalho está na vasta coleta de material e na abordagem abrangente da história da liturgia e da sacramentária.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Ser a oração, viver a oração!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A oração insistente conduz a liturgia da Palavra deste 29º domingo do Tempo Comum. Paulo, de fato, ao escrever a Timóteo, afirma que é preciso insistir “oportuna ou importunamente”. Trata-se de insistência paciente, mas confiante na justiça, como a da viúva do trecho do Evangelho de Lucas, a qual, diante da intransigência do juiz, não deixa de buscar aquilo que desejava. A oração delineia uma espécie de estilo de vida, em que não há desistência. Moisés, no texto do Êxodo, testemunha essa mesma insistência por meio da imagem dos “braços erguidos”. A vitória no conflito com os amalecitas não dependeu tanto da força do braço e das armas, senão que da confiança advinda da prece incansável, no alto da colina.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 17,8-13)

Um combate entre os amalecitas e os israelitas compõe o cenário do texto da primeira leitura. Os amalecitas eram um grupo muito violento; quando os israelitas passaram pelo seu território, depois da saída do Egito, foram atacados por eles e perderam algumas pessoas. Enquanto acontecia o embate, coordenado por Josué, Moisés se pôs em oração, no alto da colina: “E, enquanto Moisés conservava a mão levantada, Israel vencia; quando abaixava a mão, vencia Amalec” (v. 11).

Quando o cansaço dominou Moisés, duas outras pessoas o ajudaram a manter-se com os braços erguidos, Aarão e Ur: “um de cada lado, sustentavam as mãos de Moisés. Assim, suas mãos não se fatigaram até o pôr do sol, e Josué derrotou Amalec e sua gente a

fio de espada” (v. 12-13). Manter os braços erguidos é metáfora muito bonita da atitude de oração. Trata-se de persistir, de não desanimar, de aguardar o tempo certo para a “luta” ser vencida.

Outra dimensão interessante que o texto destaca é que a oração é sempre um movimento comunitário. Moisés, sozinho, não conseguia! O apoio, a força dos irmãos, a sabedoria da organização animam e fortalecem a oração. O povo de Israel vai descobrindo, pouco a pouco, que sua força está no Senhor, na proximidade dele e na constância da confiança, como povo que caminha em comunhão, no horizonte da Terra Prometida.

2. II leitura (2Tm 3,14-4,2)

Este trecho da segunda carta de Paulo a Timóteo se articula bem com o pedido de insistência na oração e constância na fé, testemunhadas pela viúva, no Evangelho, e pelos braços erguidos de Moisés, na primeira leitura: “proclama a Palavra, insiste oportuna ou importunamente, argumenta, repreende, aconselha, com toda a paciência e doutrina” (4,2).

A oração adquire um conteúdo fundamental por meio da Sagrada Escritura, “inspirada por Deus”, ensina Paulo, e “útil para ensinar, para argumentar, para corrigir e para educar na justiça” (3,16). Ler, ouvir, contemplar, estudar, compreender e viver a Palavra de Deus é muito importante para tornar a vida uma oração constante e – junto com o discernimento da Tradição da Igreja – crescer no espírito eclesial, de comunhão e participação, para realizar a vontade de Deus.

A “educação na justiça” é a pedagógica busca pelo sentido da vida, pela realização em plenitude de uma vocação que não se realiza de uma hora para outra, mas exige esforço e perseverança – “com toda a paciência”. A Palavra é que sustenta a estabilidade de uma fé viva e vivificante.

3. Evangelho (Lc 18,1-8)

O Evangelho deste domingo se inicia com a expressão “necessidade de orar sempre” (v. 1). Rezar sempre é necessidade que, poderíamos dizer, tem duas dimensões: uma dimensão antropológica, porque recorda o ser humano da transcendência, da expansão de si, da abertura para Deus, o que significa descentralizar o perigoso superfoco no “eu”; e uma dimensão de vida ativa, de vida orante. Não se trata de separar ação e oração, teoria e prática, mas de viver todos os dias um estilo de vida orante. É bonito aquilo que Romano Guardini escreveu: “Rezo porque vivo e vivo porque rezo”.

A oração se confunde com a respiração, com o sopro que guarda a vida! Não se trata somente de exercícios exteriores; a oração é o mergulho no amor de Deus, para que Ele possa crescer em nossa vida. Nesse sentido, o desafio maior não se relaciona com a quantidade de orações, mas com o tornar a vida uma oração, com o fazer da vida um itinerário orante.

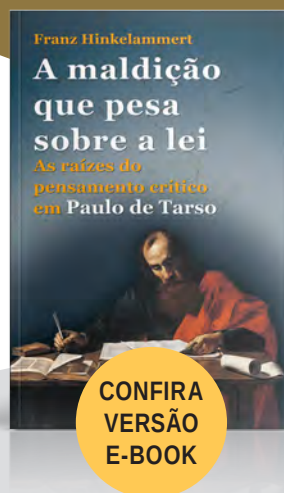
A oração precisa atravessar aquilo que somos, todas as nossas relações. Em cada pessoa, a oração pode assumir uma perspectiva particular: rezar é aprender a viver mais pacientemente; rezar é alargar o coração; rezar é estender mais a mão e partilhar; rezar é silenciar; rezar é aprender a esperar; rezar é discernir a vontade de Deus; rezar é reconciliar(-se), aceitar um pedido de perdão! É no respiro da história que a vida orante vai ganhando rostos diferentes.

Na parábola de Jesus, é muito simbólica a imagem da viúva que se contrapõe à maldade do juiz que não temia a Deus nem respeitava homem algum. A viúva era uma das categorias mais pobres da época; sem o esposo, não tinha futuro, não esperava mais nada, a não ser a morte. O juiz é senhor de si, tem tudo nas suas mãos. A única possibilidade de sobrevivência da viúva é sua insistência, sua intensidade em confiar: “faze-me justiça” (v. 3) é a prece dela ao juiz.

A MALDIÇÃO QUE PESA SOBRE A LEI

As raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso

Franz Hinkelammert



Organizada em três partes, a obra explora, ao longo de dez capítulos, a carta aos Romanos e diversos temas relacionados ao apóstolo Paulo. Analisa a presença de Paulo em Marx e a crítica que ambos fazem à lei.



ADQUIRA
JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

A súplica insistente da mulher faz que o juiz, sob pressão, mude de opinião: “Como essa viúva está me importunando, vou fazer-lhe justiça” (v. 5). A parábola indica que não é Deus quem muda com a persistência da oração, mas a mudança é do ser humano. A oração nos transforma! A oração sensibiliza o coração. A oração humaniza e diviniza! O Evangelho conclui com a certeza de que também Deus é sensível e acolhe a prece dos seus filhos e filhas; são necessárias, no entanto, a coragem paciente e a amorosa persistência de viver, todos os dias, a oração – sem dicotomias.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Rezar não é uma ação no meio de outras ações nem um gesto exterior que deve ser cumprido como obrigação. A Palavra de Deus ensina que, na base de tudo, está a oração; é como se ela estivesse antes de tudo, durante tudo e depois de tudo. Cabe-nos respirar oração. A vida espiritual madura não é uma conquista pessoal nem um ato heroico; é, antes, o esforço de abertura da vida para que a graça de Deus possa encontrar espaços disponíveis para realizar maravilhas. Isso exige disciplina, persistência, resistência. Este domingo é maravilhosa oportunidade de refletir sobre a qualidade da nossa vida de oração.

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM

26 de outubro

A fé que se sustenta na oração e na humildade!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A oração confiante e persistente, sobre a qual refletimos no último domingo, deve vir acompanhada da humildade, conforme a liturgia da Palavra deste 30º domingo do Tempo Comum. Ter humildade significa viver a condição de pequenez, de simplicidade,

de descentralização, para compreender-se dentro de uma vida maior que o próprio “eu”. O testemunho de Paulo chega como uma luz: enraizado em Cristo, ele foi capaz de viver tudo, até as últimas consequências, pelo mesmo Cristo.

As formas de oração do fariseu e do publicano são como um mapa para compreender o coração da liturgia da Palavra. O fariseu, centrado em si, transforma a oração em grande discurso: fala muito, acusa muito, abre-se pouco. O publicano, de sua parte, usa de poucas palavras, com certa vergonha no olhar, e só consegue pedir por ajuda, pelo perdão dos próprios pecados. O trecho do livro do Eclesiástico apresenta a “justiça de Deus”, a qual se revela na opção preferencial pelos mais necessitados, pelos que conseguem viver a abertura do coração a partir da pobreza da vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Eclo 35,15b-17.20-22a)

Do início do século II a.C., o livro do Eclesiástico apresenta um ensinamento sobre a verdade da oração, que não pode tornar-se uma expressão de corrupção, uma mentira, uma máscara que esconde um estilo de vida. Um cotidiano de injustiças, de imoralidades, de abusos em vários níveis não pode ser disfarçado com momentos pontuais de oração ou de doações para “minimizar” os erros. A fé e a vida estão sempre unidas.

A certeza anunciada pela sabedoria do Eclesiástico é que “o Senhor é um juiz que não faz discriminação de pessoas” (v. 15b). A aparente imparcialidade de Deus é bem diferente dos nossos critérios. Deus não faz acepção de pessoas, mas defende especialmente aqueles incapazes de se defender: “Ele não é parcial em prejuízo do pobre, mas escuta, sim, as súplicas dos oprimidos; jamais despreza a súplica do órfão, nem da viúva, quando desabafa suas mágoas” (v. 16-17).

Os mais pobres entre os pobres – os órfãos e as viúvas – recebem do Senhor uma defesa justa.

O Senhor sofre com os mais sofridos, chora com os que choram, quer consolar os desanimados. Essa é a justiça divina. Muito diferentes da nossa justiça, que separa os bons dos ruins, os critérios de Deus põem no centro o primado da humildade, que evidencia a profunda verdade do coração humano. Deus não negocia milagres nem vende bênçãos, mas ama porque é amor, um amor exagerado, que se inicia pelos últimos: “a prece do humilde atravessa as nuvens: enquanto não chegar, não terá repouso; e não descansará até que o Altíssimo intervenha, faça justiça aos justos e execute o julgamento” (v. 21-22).

2. II leitura (2Tm 4,6-8.16-18)

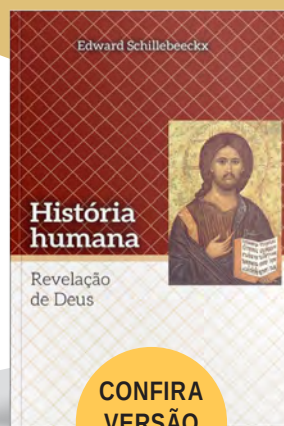
Não deixam de ser comoventes as palavras de Paulo ao amigo Timóteo, enunciando uma espécie de despedida, enquanto estava encarcerado em Roma. Paulo utiliza de algumas imagens para narrar sua história, que, com muito esforço e com todas as contradições, foi uma maneira de fazer da fé profunda coerência com a vida. Em Paulo, de fato, a fé, a vida de oração, o espírito missionário, a eloquência das pregações e dos escritos são profunda verdade do que foi sua vida.

“Combati o bom combate” (v. 7), escreveu Paulo. Durante os anos de missão, ele não deixou de enfrentar as dificuldades, o cansaço, os sofrimentos, as perseguições, as torturas, a prisão. “Completei a corrida, guardei a fé”: o apóstolo viveu uma obediência filial ao Cristo, a quem antes perseguiu e, depois, doou integralmente a vida. Sua fé configurou uma nova forma de viver. Cansado, nos seus últimos momentos de vida, consegue olhar para a frente, na certeza da “coroa da justiça” que “o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia” (v. 8).

HISTÓRIA HUMANA

Revelação de Deus

Edward Schillebeeckx



**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Este livro explora como os seres humanos são as palavras com as quais Deus narra sua história. Propõe uma visão apaixonada de uma Igreja conforme o Evangelho e oferece um guia para a fé no século XXI.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

A raiz dessa entrega da vida de Paulo está em Jesus Cristo. Depois da conversão, Paulo viveu em permanente comunhão com o Senhor. Tudo que fez e aguentou só tem sentido quando compreendido à luz dessa raiz, desse núcleo central que o moldou. Até o fim, Paulo testemunha: “A ele a glória, pelos séculos dos séculos! Amém” (v. 18).

3. Evangelho (Lc 18,9-14)

O Evangelho deste domingo partilha duas formas de rezar apresentadas por Jesus. Mais do que dois modelos, podem ser atitudes, cenários que coabitam em nós – ora reforçamos um, ora reforçamos outro. No entanto, ao fazer referência à forma humilde de rezar do publicano, Jesus assinala que a oração mais verdadeira não é a que aparentemente parece ser mais verdadeira, mas aquela de quem sabe confiar mais em Deus do que em si mesmo.

A oração do fariseu era um elogio de si, atravessado por longo discurso: “Deus, vê como faço bem isso”; “vê como fiz bem essas obras, faço jejum, faço caridade”; “vê como recitei tudo bem certinho”; “olha só para esse publicano, ele nem sabe rezar, obrigado por não ser como ele” (v. 11-12).

O publicano, por sua vez, estava no templo sem nem conseguir olhar para o céu; em sua oração, só conseguia dizer: “Meu Deus, tem piedade de mim, que sou pecador” (v. 13). A oração do publicano é descentralizada, não é fechada no “eu” e, sendo assim, permite que Deus trabalhe no seu coração.

Entre as duas formas de rezar, há evidente mudança de lugar do orante: o fariseu tem o domínio de tudo, coloca-se na posição de controle. Com tantas repetições de “eu”, de fato, não há muito lugar para Deus, embora o discurso pareça exprimir uma compreensão diferente.

O fariseu não precisava de Deus para se salvar; ele mesmo, na sua autorreferencialidade, já se salvava. O publicano, por sua vez, é o homem que sabe confiar, que se sente pequeno, fraco, e percebe que não consegue sozinho. Não se trata de alienação, mas de consciência de que, para além do “eu”, há irmãos, há Deus, há relações, há vida fora do egoísmo! Jesus elogiou a oração do publicano e abriu nova gramática para a oração, que deve ser sempre sustentada pela humildade, e não pela vanglória.

O biblista italiano Silvano Fausti afirma que “a fé é a soleira da porta de ingresso do Reino. Os umbrais que a sustentam são a oração e a humildade. Sem a primeira, morre-se de asfixia; sem a segunda, cresce-se em presunção”. Santa Teresa de Ávila dizia que “a humildade é a verdade!”. Quando temos o ímpeto de nos acharmos melhores, também na fé, o Senhor volta a nos dizer: “Confia mais em Deus! Confia mais em Deus!”.

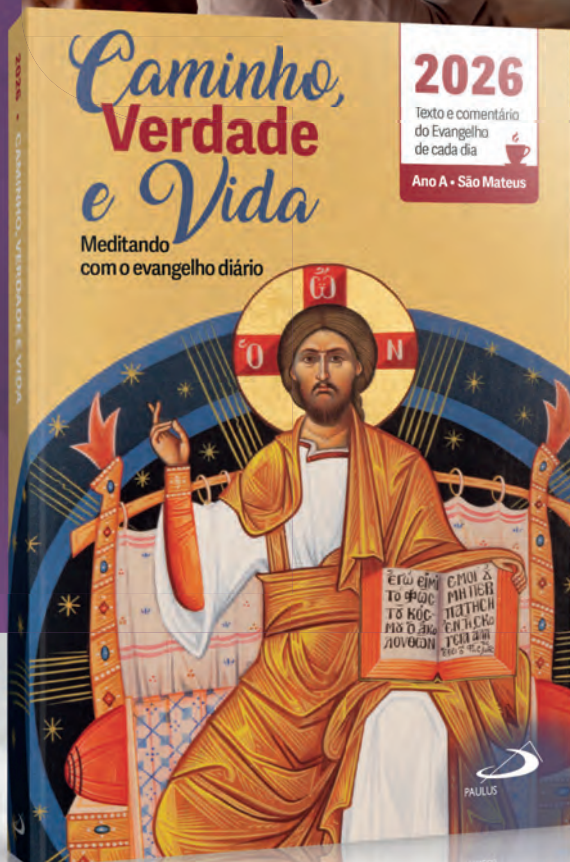
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A humildade de Paulo está na sua confiança até o fim: “Agora está reservada para mim a coroa da justiça, que o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que esperam com amor sua manifestação gloriosa”. “Esperar com amor” é atitude confiante, uma forma de viver que o fariseu do Evangelho não conseguiu alcançar com sua oração. Quem vai aprendendo a “esperar com amor” não se vangloria, não acusa o outro de pecador nem despreza ninguém, porque sabe que, antes de tudo e de todos, somos os primeiros pecadores, os primeiros que necessitam de ajuda. Essa pobreza encontra lugar especial no coração e na justiça divina.

vp

Agendas & calendários

PAULUS 2026



*Uma forma prática e bonita
de viver a fé todos os dias!*



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

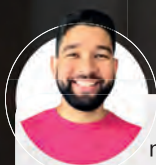


**COMPRE
AGORA**

Bíblia Pastoral

Indispensável para o povo.

Confira os depoimentos de quem tem a Bíblia Pastoral como companheira e fonte de conhecimento.



“A Bíblia Pastoral contribui muito para o meu apostolado junto às crianças e aos jovens. Numa linguagem simples e precisa, permite-nos aprofundar o Mistério de Deus no cotidiano. No apostolado digital também tem feito muito a diferença. As notas de rodapé são excelentes!”

Ronnaldh

(Missionário digital e membro da Rede Inaciana de Juventude, MAGIS Brasil)

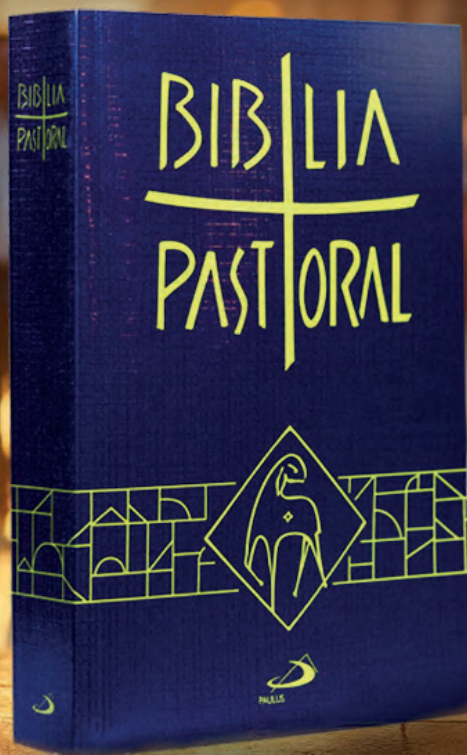


“Utilizamos a Bíblia Pastoral da PAULUS em nossa comunidade – na liturgia, nos diversos grupos pastorais, nos grupos de rua e na catequese. Essa versão possui uma linguagem acessível, clara, atualizada e de fácil compreensão para as pessoas em geral. Além do mais, ela possui ricas indicações de rodapé que facilitam muito a compreensão e o uso correto da Palavra de Deus.”

Irmã Letícia

(Religiosa das Irmãs Escolares de Nossa Senhora)

DIVERSOS MODELOS DE CAPA E ACABAMENTO



**COMPRE
AGORA!**

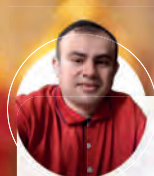
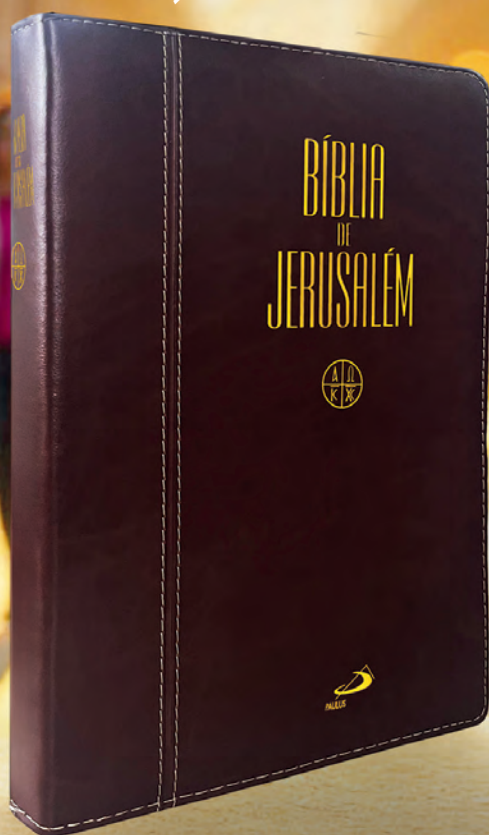


loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

Bíblia de Jerusalém

Ideal para os estudiosos da Palavra de Deus.

ACABAMENTO ESPECIAL • EDIÇÃO LIMITADA



“A Bíblia de Jerusalém não só contém a Palavra de Deus, como é também metáfora dela. A qualidade da tradução e a riqueza do aparato técnico permitem perceber novidades a cada leitura, revelando sempre a atualidade do falar e do agir de Deus.”

Pe. Francisco Cornélio Freire Rodrigues
(Professor de Teologia na UniCatólica do RN)



COMPRE AGORA!



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

Bíblia Palavra Viva

- Ideal para a leitura orante
- Notas temáticas e grande quantidade de passagens paralelas



**COMPRE
AGORA!**

Bíblia do Peregrino

- Linguagem poética
- Notas explicativas ricas em contexto histórico e arqueológico



**COMPRE
AGORA!**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

BÍBLIAS INFANTIS

*Linguagem, ilustrações e
formatos especiais para as crianças.*



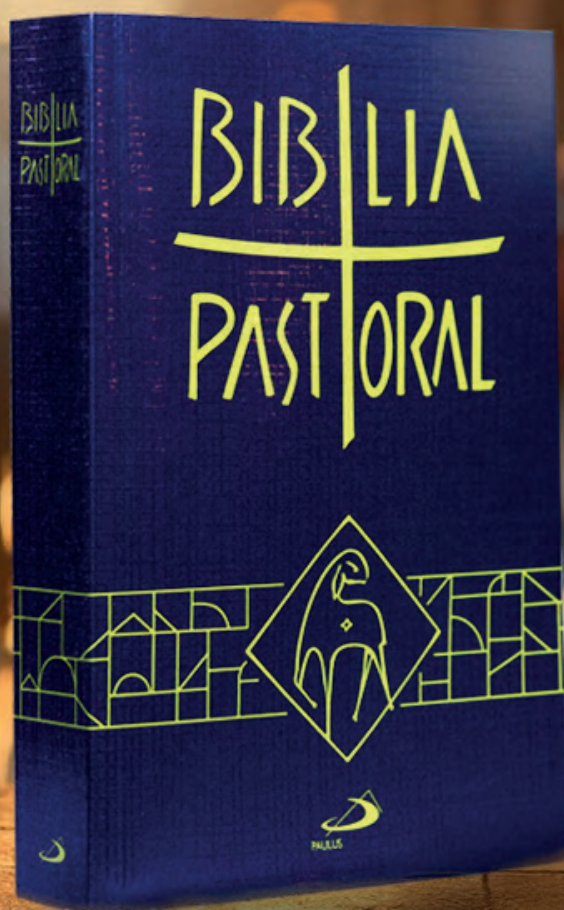
**COMPRE
AGORA!**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

MÊS DA *Bíblia*

A tradição da Paulus, a Bíblia do povo,
a Palavra de Deus!



20%

DE DESCONTO*
EM QUALQUER
EDIÇÃO DA BÍBLIA

+

3%

PARA ASSINANTES
DA VIDA PASTORAL**

Para cada Bíblia
adquirida, ganhe um
brinde exclusivo!



**COMPRA
AGORA!**


PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

*Válido até 30/09/2025.
**Válido para assinantes de todos os periódicos.